

ADONIS [poemas]

SELEÇÃO + TRADUÇÃO *Michel Sleiman*

APRESENTAÇÃO *Milton Hatoum*

COMPANHIA DAS LETRAS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A black and white portrait of the poet Adonis, shown in profile from the chest up. He has thick, wavy, grey hair and a contemplative expression, looking slightly downwards and to the left. He is wearing a dark, collared shirt. The background is dark and out of focus.

ADONIS [poemas]

SELEÇÃO + TRADUÇÃO *Michel Sleiman*

APRESENTAÇÃO *Milton Hatoum*

COMPANHIA DAS LETRAS



Sumário

O cavaleiro das palavras estranhas — Milton Hatoum
Adonis em português — Michel Sleiman

1957-1968

DO AMOR, DA MORTE, DO QUE NÃO ACABA

Amor

Canções para a morte

Folhas

Desespero

O oriente da beleza

Na sombra das coisas

Caminho

O parto

União

A pedra de luz

A sibila

Vivo com a luz

FOLHAS AO VENTO

O CAVALEIRO DAS PALAVRAS ESTRANHAS

Salmo

Não é estrela

Mihyar é um rei

Voz

Outra voz

Seus olhos nascem

Os dias

Exortação da morte (vozes)

Voz

Máscara de canções

A cidade dos exilados

Novo testamento

Entre o eco e a voz

O sino

Fim do céu

O rosto de Mihyar

Indecisão (vozes)

Dorme nas próprias mãos

Carrega nos olhos

O gêmeo do dia

Os outros
O bárbaro santo

FLOR DA ALQUIMIA
Flor da alquimia
Assombro cativo
Árvore do dia e da noite
Templo do dia
Árvore do Oriente
O signo
Árvore das entranhas
Árvore do fogo
Árvore da manhã
Bosque da magia
Árvore dos cílios
Árvore da aflição
Região dos brotos

OS DIAS DO SACRE

ESTAÇÃO DAS ÁRVORES:
ELEGIAS E EPITÁFIOS AO SACRE EM SUA TUMBA

ESPELHOS DO ATOR INVISÍVEL
Espelho do sono
Espelho da pergunta
Espelho do século xx
Espelho das nuvens
Espelho de um corpo apaixonado
Espelho do corpo do outono
Espelho do tempo e do olho
Espelho de Orfeu
Espelho do giro

1971-1988

TUMBA PARA NOVA YORK

O TEMPO

CELEBRAÇÃO
Celebração de Beirute, 1982
Celebração da infância

1994-2003

NOS BRAÇOS DE OUTRO ALFABETO

GUIA PARA VIAJAR PELAS FLORESTAS DO SENTIDO

BREVE ABECEDÁRIO DA MULHER

O cavaleiro das palavras estranhas

Milton Hatoum

*Língua que ondula entre os mastros ele
é o cavaleiro das palavras estranhas
Adonis, Cantos de Mihyar, o Damasceno*

i

Adonis é uma fábula fenícia que se irradiou na literatura da Grécia antiga com a força e a complexidade dos grandes mitos. Nascido de uma árvore, Adonis tornou-se para os gregos um símbolo do mistério da natureza: um deus da vegetação e da fertilidade, ligado ao ciclo de nascimentos, mortes e renascimentos.

Ainda jovem, ao escolher esse pseudônimo, o poeta sírio Ali Ahmad Said Esber introduziu na região do islã uma dimensão mítica e pagã, que reúne a literatura e o saber de duas culturas do Mediterrâneo. Esse elo cultural terá uma forte repercussão na obra poética e crítica de Adonis.

Um episódio da infância do poeta já faz parte de sua mitologia pessoal: aos treze anos ele declamou seus poemas ao presidente da Síria, que visitava uma cidade vizinha a Qassabin, a aldeia onde o poeta nasceu em 1930. Por esse gesto de audácia, ganhou uma bolsa para estudar no liceu francês de Tartus, uma cidade portuária no centro-sul do litoral sírio. Em 1954, quando se formou em filosofia na Universidade de Damasco, já havia lido a poesia árabe clássica e pré-islâmica, e também poemas de Charles Baudelaire, Rainer Maria Rilke, René Char, Henri Michaux... Dos dois anos do serviço militar, passou onze meses na prisão, acusado de atividades subversivas.

Em 1956 mudou-se para Beirute, cidade que o acolheu e onde morou por quase vinte anos. Beirute era — talvez ainda seja — a capital árabe mais aberta à cultura do Ocidente e ao debate e confronto de ideias. Em 1960, quando morou um ano em Paris, conheceu vários poetas europeus e latino-americanos: Henri Michaux, Paul Celan, Tristan Tzara, Octavio Paz, Yves Bonnefoix... A convivência com esses poetas e a vida cultural de Paris — onde passou a morar a partir de 1985 — foram importantes não apenas para Adonis, mas também para a revista libanesa *Chiir* (1957-64), fundada por ele e pelo poeta e crítico Youssef al-Khal. Em 1959, ambos traduziram para o árabe *The waste land*, de T. S. Eliot, e, quatro anos depois, uma antologia da obra de Robert Frost.

Por certo já existiam outras revistas culturais relevantes em Beirute

— como a *Al-Adab* —, em Bagdá e no Cairo, onde o “movimento do verso livre”, liderado pelo poeta iraquiano Abd al-Wahab al-Bayati, consolidara-se entre 1947 e 1954, com repercussões na produção literária da Síria, Palestina e Egito. Mas foi a *Chiir* a que mais se empenhou em estreitar os laços culturais com o Ocidente, tendo publicado manifestos poéticos, entrevistas com T. S. Eliot e outros poetas, e traduções para o árabe das obras de poetas europeus e norte-americanos.¹

Em 1968, Adonis fundou a revista *Mawáqif* [Posições], cujo objetivo principal era dar voz a jovens poetas, principalmente os que sugeriam formas inovadoras na poesia árabe. Num artigo sobre a história da *Mawáqif* e sua irradiação na cultura árabe contemporânea, Khalida Said ressalta que a revista

extrapolou questões literárias e abordou temas que até então eram tabus, sobretudo ligados ao nacionalismo e à identidade, à inspiração divina, ao texto religioso, à situação da mulher, da universidade, da educação, às relações entre o Ocidente e o Oriente, à violência, à criação artística e à “nova escrita”. Assim, operava uma revisão da questão da modernidade e de seus conceitos na poesia e na arte, ou ainda na crítica e no pensamento histórico, filosófico, religioso, social e político.²

Nesse sentido, *Mawáqif*, na esteira de sua antecessora *Chiir*, representou “a maior efervescência da poesia experimental em língua árabe, sendo que a maioria dos poetas desse período foi revelada ou consolidada a partir da publicação da revista”.³

As duas revistas provocaram reações ásperas de correntes religiosas e também de partidos laicos, de viés nacionalista, cujos militantes defendiam uma literatura politicamente engajada, de teor mais social, diferente das propostas dessas revistas, que pregavam uma ruptura formal e temática com a literatura clássica, uma ruptura, aliás, já defendida antes por al-Bayati, autor de notáveis poemas sobre o exílio. Um dos pontos mais agudos dessa polêmica surgiu quando Adonis escreveu o “Manifesto para o 5 de junho de 1967”, publicado nesse mesmo ano em revistas árabes e, em 1968, na revista francesa *Esprit*. Nesse manifesto, Adonis reivindicava uma mudança na vida intelectual e no fazer artístico, enfatizando que essa mudança devia ultrapassar o quadro político e nacionalista “para englobar uma dimensão mais profunda e mais vasta: a do homem em sua verdadeira essência. Não é poeta aquele que não situa no coração de sua intuição poética a transformação do mundo”.⁴

Como assinalou Khalida Said, esse manifesto “surgiu no apogeu da voga nacionalista na Síria e em outros países árabes, então dominados pelo discurso da identidade eterna, da autenticidade e da referência às raízes que exprimem qualidades essenciais”. E Adonis, “ao submeter o conhecimento e a verdade à experiência e ao questionamento permanente, situando a identidade diante de nós mesmos, como algo

que deve ser construído e inventado”, opôs-se frontalmente ao pensamento conservador, com suas normas e verdades absolutas impostas pelo poder, seja este religioso, político ou moral.⁵

Assim, Adonis trouxe para sua poesia um novo espírito, que respondia à mudança por meio de uma compreensão da tradição literária em nome da diversidade. Para ele, tanto a modernidade quanto a renovação da tradição fazem parte de um processo inacabado, contínuo, e relacionam-se de um modo dialético, que transcende ou supera valores e formas rígidos.⁶ Ao argumentar que a linguagem poética deve responder à “experiência, tensão e paixão”, e que a criatividade envolve “transgressão, e não obediência e subordinação”, Adonis se refere por certo ao poeta do período abássida Abu-Tammam (séculos VIII-IX) — que já havia rompido com as formas clássicas da lírica — e ao sufi Ibn-Arabi (séculos XII-XIII), que considerava a poesia uma “transgressão do habitual”.⁷

Autor de estudos de poética árabe e de antologias da poesia árabe de todos os tempos, Adonis descobriu no melhor da poesia dos antigos o mesmo ímpeto revolucionário e renovador que marca a literatura universal em busca da modernização. Assim, em vez de considerar o classicismo um bloco engessado, ele vê nos poetas e críticos antigos saturação, questionamento, rompimento e inovação. Nessa constatação, que aproxima o legado árabe da modernidade ocidental, por exemplo, não cabe nenhuma comparação ou juízo de valor entre os campos da cultura, mas talvez seja um modo de dizer que essa poesia do passado, com traços modernos, precisava de uma nova leitura interpretativa: uma leitura à luz da contemporaneidade, capaz de confrontar a lírica clássica com a de outras épocas e culturas, e, assim, de tentar elaborar uma poética própria.

Numa passagem de seu livro *Introdução à poesia árabe*, de 1971, ele esclarece o diálogo que fez entre a poesia do Oriente e a do Ocidente:

Foi a leitura de Baudelaire que mudou minha compreensão de Abu-Nuwas e revelou sua particular qualidade poética e modernidade; a obra de Mallarmé me esclareceu os mistérios da linguagem poética de Abu-Tammam e a dimensão moderna dessa linguagem. A leitura de Rimbaud, Nerval e Breton me conduziu à descoberta da poesia dos escritores místicos em todo o seu esplendor e singularidade, e a nova crítica francesa me indicou a novidade da visão crítica de al-Jurjani.⁸

Adonis assimilou as vozes desses e de outros poetas até encontrar um modo próprio e inovador para expressar seu lirismo. Como ele mesmo escreveu, “a relação com a herança literária não deve excluir nosso modo de ser e nossa experiência específica”.⁹ Essa experiência individual, e também histórica, está disseminada na vasta obra poética de Adonis, que opera com uma enorme variedade de temas, misturas

de estilos e alternâncias de tons do narrador lírico. Uma parte significativa dessa diversidade temática e formal encontra-se na tradução notável do poeta e professor Michel Sleiman.

Das formas breves da lírica aos poemas com versos longos, de corte épico, o leitor se vê diante de uma poesia estranha, que evoca ao mesmo tempo a origem da própria poesia e o que nela há de mais moderno. A elaboração formal dos poemas mais longos lembra, às vezes, a técnica da colagem, usada por poetas e artistas das vanguardas europeias. Adonis também tem usado esse recurso técnico em seus trabalhos artísticos, juntando cacos e fragmentos de pequenos objetos encontrados ao acaso e colando-os sobre textos escritos em árabe, formando uma imagem cujo efeito visual surpreende pela junção de materiais tão distintos: a arte milenar da caligrafia com pedaços de objetos inúteis.

Em sua poesia — sobretudo nos poemas “Nos braços de outro alfabeto” e “Tumba para Nova York” — há um pouco dessa mistura de materiais e recursos técnicos diferentes. O tom do narrador — ou das vozes líricas do poema — pode ser elevado, tal o canto de um ritual; às vezes o tom é coloquial, blasfemo e provocador, mesclado com provérbios, máximas e fragmentos de conversa. Essas vozes com entonações contrastantes e imagens inusitadas e surpreendentes aludem a recortes da realidade e a períodos da História, indagam sobre o próprio corpo do sujeito lírico, ou meditam sobre a escrita, a Natureza, os sentimentos. Penso que essa liberdade inventiva deriva, em parte, da visão extática dos poetas sufis, da atitude profética e visionária de Rimbaud e das iluminações profanas dos surrealistas. Não por acaso Adonis escreveu um livro em que tece afinidades profundas das obras desses poetas de língua francesa com a poesia sufi dos árabes e também persas, como Shams ud-Din Mohamed Hafiz, o grande poeta místico de Shiraz, admirado por Goethe e evocado por Manuel Bandeira no belíssimo “Gazal em louvor de Hafiz”.

Mas, como notou o poeta francês Alain Jouffroy, “Adonis não é um místico, nem mesmo um místico ateu, apesar de ter revisitado e revivido interiormente a poesia de al-Hallaj, Ibn-Arabi, Abu-Nuwas e al-Níffari, que fizeram de sua poesia um viático de libertação interior”. Para Jouffroy, esses poetas serviram de referência para que Adonis não apenas lhes perpetuasse os desafios, como também os superasse com uma nova linguagem, capaz de criticar frontalmente todos os dogmas e destruir radicalmente um sentido definitivo à vida e à morte, mas sem resignação, sem se limitar à constatação fácil demais do niilismo.¹⁰

De fato, na poesia de Adonis não há niilismo, nem jogos gratuitos

com as palavras, esvaziados de qualquer sentido. O que se lê, já nos *Primeiros poemas* (1957), é uma entrega do sujeito lírico ao segredo das coisas, ao momento da criação e ao devaneio de ideias, “como a arte que estranha...”. Em “Canções para a morte”, outro poema da mesma série, o eu lírico diz: “Ó mãos da morte, alonguem meu caminho/ meu coração é presa do desconhecido,/ alonguem meu caminho/ quem sabe descubro a essência do impossível/ e vejo o mundo ao meu redor”.

A poesia tenta desvelar a essência do impossível por meio da alquimia verbal, que permite criar formas expressivas no âmbito do mistério e do desconhecido. A alquimia do verbo, o poder de transformação que move a palavra poética com seus símbolos e metáforas, é o tema medular do *Livro das transformações e da fuga pelas regiões do dia e da noite* (1965), em que a árvore e, por extensão, a natureza aludem simbolicamente a seres que passam por metamorfoses sucessivas na mudança das estações. Logo pensamos em Dafne transformada em árvore nas *Metamorfoses*, de Ovídio; ou nos poemas de *Árbol adentro*, de Octavio Paz: a árvore que o sujeito lírico vê crescer a sua frente cresce dentro de seu corpo, onde se misturam raízes e veias, nervos e galhos, folhagens confusas e pensamentos.¹¹

No poema “Árvore do Oriente” (da série “Flor da alquimia”) o eu lírico e a natureza (a água) se transformam e se fundem, criando a imagem do duplo que se reflete um no outro. Em “Flor da alquimia”, o narrador, através de uma viagem imaginária, sai em busca de uma experiência mística, em que as associações de sons e de palavras repetidas geram um ritmo encantatório que conflui à transformação.

[...]

*preciso viajar na fome, na rosa, rumo às colheitas
preciso viajar, descansar
sob o arco dos lábios órfãos
nos lábios órfãos, em sua sombra ferida
está a antiga flor da
alquimia.*

A visão poética surge também das lembranças da infância, em que o sujeito lírico, embora viajante, permanece ligado a sua aldeia, trancafiado pelas portas do tempo, e a única possibilidade de evasão é através do amor, como se lê em “Celebração da infância”:

*Pequena aldeia tua infância
e apesar disto
não ultrapassarás suas fronteiras
por mais que te afaste a viagem.*

[...]

Tempo: porta trancada

*tento não consigo abri-la.
Meu encantamento está cansado
meus amuletos, dormentes.*

*Nasci numa aldeia
pequena, reclusa, como o útero
e ainda não saí dela.
Meu amor vai pelo oceano
não pelas praias.*

A publicação do livro *Cantos de Mihyar, o Damasceno* (1961) foi um verdadeiro acontecimento literário, e não demorou a ser traduzido em várias línguas e analisado por críticos árabes e ocidentais. Nesse poema “cantado” por várias vozes, ou por outras vozes de um narrador lírico cambiante, o protagonista passa por sucessivas metamorfoses e adquire múltiplas identidades. A abertura desse excerto dos *Cantos de Mihyar* é um salmo em prosa ritmada, que anuncia a chegada do “cavaleiro das palavras estranhas”, cuja pátria é uma nebulosa e cujas palavras, com seu poder transformador, rumam à perdição.

Transforma o amanhã em caça, corre atrás dela em desespero.

Inscritas, suas palavras seguem rumo: à perdição à perdição.

A confusão é sua pátria, mas tem os olhos cheios.

[...]

*Ele é o vento que não volta atrás, a água que não retorna à fonte. Cria
sua espécie a partir dele mesmo. Não tem ascendentes, suas raízes*

estão em seus passos.

Caminha no abismo e tem o porte do vento.

Adonis recorre ao antigo tópico da viagem como fonte de metamorfoses, da perambulação, da transgressão, do excesso. Sem regressar ao porto de origem, Mihyar é um rei que vive “no reino do vento e reina na terra dos segredos”, um rei cujo “sonho é palácio e jardins de fogo”, um ser cujos olhos nascem em busca do mito “num mundo que veste o rosto da morte”.

Na viagem de um ser desgarrado e errante, o tempo se esfuma numa espécie de fulgor, e o espaço se expande até o “fim do céu”. O cavaleiro que “faz errar o desespero” percorre sem esperança o caminho da utopia, anunciando a morte dos deuses e sua própria morte. Cavaleiro de uma travessia ininterrupta, Mihyar é um “bárbaro santo que estende as palmas das mãos para a pátria morta e para as ruas mudas, que avança na estação das novas letras e entrega-se em poesia aos ventos”. No poema “Exortação da morte”, um coro de vozes dramatiza a fúria de Mihyar, que “queima nossa casca de vida/ nossa resignação/ nosso jeito amável”. Mais adiante, outra voz exorta para que ele seja crucificado na “cidade dos exilados”:

Ó cidade dos exilados, receba-o

*com espinhos, receba-o com pedras
pendure suas mãos como um arco
onde um funeral passe embaixo
coroe suas tēmporas
com brasa e tatuagem, e que abraze Mihyar.*

ii

Não são poucas as referências ao exílio na obra de Adonis e de outros poetas árabes contemporâneos, como o iraquiano al-Bayatti e o palestino Mahmoud Darwich. Além da experiência pessoal de cada poeta, o exílio tem sido desde o século IX — ou mesmo antes — um dos grandes temas da literatura árabe e serviu de ponte entre a tradição e a modernidade.¹²

O exílio de Adonis em Beirute, a intuição de que em 1971 o Líbano estava à beira de uma guerra civil, os crimes cometidos pelo exército norte-americano no Vietnã, a consciência crítica da vergonhosa submissão de monarquias despóticas e ditaduras árabes aos interesses de poderosas nações ocidentais, tudo isso está insinuado no poema “Tumba para Nova York”, em que o lírico e o épico se misturam para evocar um capítulo infernal da história contemporânea, com alusões a outras épocas e culturas, onde líderes políticos, estadistas e poetas aparecem como personagens dotadas de simbologia e relevo histórico.

Para alguns críticos, “Tumba para Nova York” marca uma “clara inflexão na poética de Adonis, que dá, pela primeira vez em sua obra, um sentido histórico imediato à escrita”.¹³ Os leitores brasileiros talvez se lembrem de alguns versos do poema “Inferno em Wall Street”, de Sousândrade. Ou dos versos do poema “Elegia 1938”, de Carlos Drummond de Andrade: “Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição/ porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan”. De algum modo, ambos criticam a capital mundial das finanças, que, no nosso tempo, é também o centro da cultura do Ocidente. Nesse diálogo sofisticado e alucinado com a metrópole vital e polimorfa, a visão crítica de Adonis é visceral, sem ser maniqueísta. A democracia do país de Walt Whitman e Abraham Lincoln se opõe aos crimes de Richard Nixon, do secretário de Defesa Robert McNamara e de Calley, um militar de baixa patente que chefiou a matança na aldeia de My Lai.¹⁴ A Quinta Avenida e o poder econômico de Wall Street contrapõem-se ao Harlem e ao Greenwich Village, bairros que indicam um futuro mais otimista.¹⁵ Nas palavras do crítico e tradutor espanhol Federico Arbós Ayuso, o poema aponta, sobretudo, para uma crítica à estrutura profunda de uma metrópole que simboliza o violento domínio que o império norte-americano exerce em várias regiões do planeta, onde as vítimas, segundo o

narrador de Adonis, são “pessoas sem outra história a não ser o fogo”:¹⁶

NOVA YORK,
mulher — estátua de mulher
numa mão ergue um trapo que a folha chama Liberdade que nós
chamamos História
noutra mão estrangula uma criança chamada Terra.

Em várias passagens os versos longos adquirem o ritmo da prosa e lembram os versículos usados por Walt Whitman, evocado no capítulo IX do poema, em que o narrador se dirige ao grande poeta norte-americano e cita vários versos de *Leaves of grass*. O poema de Adonis também dialoga com o *Poeta en Nueva York*, na medida em que recupera, em outro contexto histórico-político, determinadas reminiscências das imagens de Federico García Lorca.¹⁷

Se em “Tumba para Nova York” a visão trágica fala principalmente de um determinado momento histórico — a década de 1960 —, no poema “Espelho do século xx” essa mesma visão trágica alcança um impressionante poder de síntese para evocar o século passado:

Caixão revestido com rosto de menino
livro escrito nas entranhas de um corvo
fera que avança levando uma flor
rocha que respira nos pulmões de um louco
assim é
o século XX.

iii

Desde o começo, a linguagem poética de Adonis sonda os segredos das coisas e dos seres; ou, como diz Bandeira em seu “Gazal”, “o mistério do mundo”, que resiste à plena decifração. A busca do sentido do cosmo se entrelaça com a do sentido da existência humana, e essa experiência poética, como assinalou Adonis, referindo-se aos sufis e a Rimbaud, “é uma tentativa de realizar o que normalmente é irrealizável: uma viagem ao mais fundo do nosso ser para explorar ao máximo o desconhecido”.¹⁸

A certa altura de “Nos braços de outro alfabeto”, poema sobre Damasco, uma voz aconselha: “Diz, então, a teu corpo, conquanto amigo do mistério [...] não poderás transformar as palavras em coisas”. E ainda nesse poema, um provérbio que parece vir da voz de um poeta sufi diz: “não vás até a porta pelo que ela é em si, mas pelo que nela é oculto”.

Nessa Damasco fantasmagórica, em que o passado e o presente, imbricados, são evocados por um coro de vozes, há várias referências

concretas à cidade e à vida de seus moradores, às palavras escutadas nas ruas, praças, banhos, escolas, cafés e mercados. Uma dessas vozes diz: “Mal te refugias na realidade, vês que em seu rosto uma miragem beija a terra”. Nesse verso belíssimo a realidade, transformada em quimera pelo olhar, é o outro refúgio possível: lugar em que a miragem se une à terra por meio de um gesto do desejo.

Em dois excelentes ensaios sobre a poesia de Roberto Piva, o crítico e escritor Davi Arrigucci Jr. ressalta que a linguagem do poeta paulistano depende da “força visionária da imagem e do assombro imaginativo, capaz de despertar o leitor e abrir seus olhos”. O crítico salienta também que “o conflito que aflora na mescla de vozes do poeta necessita do êxtase para ter voz e exprimir o que secretamente fervilha em seu inalcançável interior”.¹⁹ Penso que algo semelhante se pode dizer sobre muitos poemas de Adonis, apesar das diferenças estilísticas e temáticas entre as obras dos dois poetas.

iv

“Se sou nativo do Oriente”, escreveu Adonis,

é porque, antes de mais nada, invento meu próprio Oriente. Pertencço a ele na medida em que ele me pertence. Este Oriente é ao mesmo tempo memória e esquecimento, presença e ausência. Ele afirma o caos, que não se sabe se é o barro ou a mão, a luz ou a noite, o nada ou o tudo. Para mim, o Oriente é o indefinível, a extensão vazia, o nomadismo original.²⁰

Nessa travessia sem fim, a palavra poética “parece obedecer à vontade, mais utópica que qualquer outra, de fazer dialogar todos os tempos e todos os lugares possíveis no espaço terrestre”.²¹ Os mitos — e as narrativas que lhes dão significado simbólico e histórico — movem essa viagem da imaginação, às vezes alucinada e delirante a caminho do êxtase. Talvez seja esta a única forma de o cavaleiro das palavras estranhas se acercar do desconhecido, da “essência do impossível”, do enigma da vida.

O vinho que corre na veia da melhor poesia árabe também circula nos poemas de Adonis. O vinho como metáfora da grande poesia: assombro, prazer, embriaguez do conhecimento, e uma percepção expansiva da realidade e do eu lírico, capaz de expressar um sentido aguçado de beleza e alcançar o sublime.

do Norte, entre outros.

Notas

1. Ver, nesse sentido, ARBÓS AYUSO, Federico. “Tres calas en la producción poética de Adonis”, *Anaquel de Estudios Árabes*, Madrid, 2006, vol. 17, pp. 31-76. Uma sucinta mas ótima abordagem sobre as principais características dos movimentos literários que fundaram a poesia árabe contemporânea encontra-se nas páginas 32-47 da referida revista.

2. Cf. SAÏD, Khalida. “Mawâqif ou la contre-utopie”. In: JOUFFROY, Alain et al. *Adonis, un poète dans le monde d'aujourd'hui, 1950-2000*. Paris: Institut du Monde Arabe, 2000, pp. 159-64. A referência está na p. 162.

3. Idem, ibidem, p. 163.

4. Idem, ibidem, p. 160.

5. Idem, ibidem, p. 160.

6. Ver AL-MUSAWI, Muhsin. *Arabic poetry: Trajectories of modernity and tradition*. Londres/ Nova York: Routledge, 2006, p. 57.

7. Idem, ibidem, p. 60.

8. Cf. ADONIS. *An introduction to Arab poetics*. Trad. Catherine Cobham. Austin: University of Texas Press, 1990, p. 81. Citado por Al-Musawi, op. cit., p. 59. Há uma tradução francesa desse livro: *Introduction à la poétique* árabe. Paris: Sindbad, 1985.

9. Citado por AL-MUSAWI, Muhsin, op. cit., p. 61.

10. Ver JOUFFROY, Alain, op. cit., p. 15.

11. O livro de Adonis é anterior ao de Paz. Os dois poetas se encontraram várias vezes: em Paris (1960), em Beirute (1964) e em Estocolmo, nos anos 90.

12. Sobre o tema do exílio na poesia árabe clássica e contemporânea, ver “Envisioning exile”, capítulo 6 do livro de Al-Musawi, já citado.

13. ARBÓS AYUSO, Federico, op. cit., p. 66.

14. Idem, ibidem. Nessa matança, corpos de crianças, mulheres e idosos foram queimados por napalm. O crítico espanhol lembra que foi provado que o comando militar norte-americano sabia não haver ali nenhum vietnamita armado.

15. Idem, ibidem, p. 65. Segundo Arbós, esse desejo do poeta — eu diria: do narrador lírico — exprime certo otimismo histórico naquele momento.

16. Idem, ibidem, p. 65.

17. Cf. ARBÓS AYUSO, Federico, op. cit., p. 61.

18. ADONIS. *Sufismo y surrealismo*. Trad. de José Miguel Puerta Vilchez. Madrid: Ediciones del Oriente y del Mediterráneo, 2008, p. 286.

19. Ver “O mundo delirante” e “O cavaleiro do mundo delirante”. In: ARRIGUCCI JR., Davi. *O guardador de segredos: Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 49 e 66, respectivamente.

20. ADONIS. A citação foi extraída de um dos textos de “Six notes du côté du vent”. Trad. Claude Esteban. In: *Mémoire du vent: Poèmes 1957-90*. Pref. e sel. André Velter, vários tradutores. Paris: Gallimard, 1991, p. 190.

21. JOUFFROY, Alain, op. cit., p. 11.

A organização deste primeiro livro de Adonis em língua portuguesa foi orientada pelos seguintes critérios: as circunstâncias de composição e publicação dos poemas em livro, os temas e elementos de composição que caracterizam tais publicações e, finalmente, a representatividade que certos poemas ou livros adquiriram ao longo de sua recepção em árabe e nas línguas a que se verteu a obra do poeta. Isto nos levou a dividir o livro em três blocos que cobrem determinados períodos, temas e formas de composição que confirmam alguma identidade de conjunto.

O bloco adscrito aos anos 1957 a 1968 reúne a produção em torno da revista *Chiir* [Poesia] e dos anos imediatamente posteriores à sua interrupção em 1964. Nesse tempo o poeta experimenta várias das formas que caracterizam sua poesia até hoje, tais como o poema curto e o poema longo ritmados e o poema, curto ou longo, sem outra orientação rítmica senão a da prosa fluida. É o período que concentra algumas das obras mais lidas e traduzidas de Adonis: *Cantos de Mihyar*, *o Damasceno*, *Livro das transformações e da fuga pelas regiões do dia e da noite* e *O teatro e os espelhos*. Juntos, esses títulos e os precedentes *Primeiros poemas* e *Folhas ao vento* plasam as conquistas de renovação absoluta da poesia árabe contemporânea e o consequente rompimento dela com os preceitos milenares da poesia árabe tradicional, descritos pelo gramático al-Khalil b. Ahmad na Bagdá do século VIII e desde então canonizados pela crítica e pelos poetas das posteriores gerações até praticamente as vésperas da segunda metade do século XX, quando já se nota alguma relativização do conceito de “poesia rimada e metrificada”. A seleção toma, por isso mesmo, poemas das cinco obras desse período.

Os anos 1971 a 1988 marcam uma mudança importante na escrita de Adonis e refletem, de algum modo, a desestabilização do cenário político do Líbano e dos demais países árabes. Do ponto de vista político, a chegada de Adonis a Beirute e o engajamento poético em torno da revista *Chiir* manifestam sua filiação a um tipo de nacionalismo local. Contudo, a guerra civil de orientação político-religiosa deflagrada no Líbano em outubro de 1975 — diretamente

ligada à presença de refugiados palestinos naquele país e à consequente intervenção do exército israelense no conflito, culminada com o cerco a Beirute de 1982 — leva o poeta a uma tomada de posição que transcende o sentimento nacional e alça às raias da arabidade como um todo, indícios já prenunciados em 1968 quando funda a revista *Mawáqif* [Posições], aberta a uma poesia cada vez mais ancorada nos fatos do presente. *Este é meu nome*, *Livro do cerco* e *Celebração do claro-escuro* são livros de dois tempos, gestados dentro e fora de Beirute, sob o fogo cruzado da guerra e, já distante, nos recostos da memória quando o poeta visita Nova York pela primeira vez em 1971 e quando se exila em Paris a partir de 1985. O discurso se inclina preferencialmente ao fôlego demorado e ao ritmo evidente, como no longo “O tempo” e no sequenciamento cumulativo de respiros curtos de “Celebração de Beirute, 1982” e “Celebração da infância”, ou então o verbo se extravia, vertiginoso, sobrepondo tempos, espaços e personagens como em “Tumba para Nova York”.

O último bloco deste livro colhe poemas publicados nos anos 1994 a 2003. É um conjunto apenas parcial da grande atividade do poeta em Paris, mas a assimila em poemas densos e representativos. A produção parisiense é o tempo de maioridade do poeta. Adonis retoma os procedimentos do poema longo, que combina prosa, verso e máximas sapienciais populares, e do legado erudito, num lirismo que remonta aos grandes vates da literatura árabe, da pré-islâmica à dos primórdios do islã e à neoclássica califal de Damasco, Córdoba e Bagdá. *Outro alfabeto*, de 1994, representado aqui pelo extenso poema epílogo “Nos braços de outro alfabeto”, é um prenúncio desse mergulho no passado empreendido nas arestas do tempo e do espaço circundantes. Embora não contemplado nesta seleção por requerer uma diagramação específica, é desse período também o monumental *O Livro: o ontem, o lugar, o agora*, poema-livro concebido em três grandes volumes publicados no intervalo de sete anos, que embaralha ficções e realidades ao modo borgeano, assumindo personas literárias, construindo e desconstruindo a escrita em clara proposição de uma “obra total”. No outro polo, a leveza, o mistério, o lirismo depurado e a aparente solução do complexo se mostram em pelo menos duas obras emblemáticas do período e, de certo modo, revisitadoras das incursões iniciais do poeta pelas sendas da nova poesia árabe: *Índice das ações do vento*, de 1998, e *Princípio do corpo fim do mar*, de 2003, poemários lapidares que percorrem o caminho de volta da poesia, sondando o mecanismo da metáfora, levando com isso o leitor até a fábrica do poema. É o que são no final das contas “Guia para viajar pelas florestas do sentido”, “Breve abecedário da mulher” e “Música I”.

Até agora, as datas de publicação dos livros de poemas de Adonis compreendem um intervalo de 51 anos. Ao todo, são dezenove títulos, além dos volumes das *Obras completas* e a produção não menos importante de ensaios de poética, crítica literária e traduções (ver “Obras de Adonis”, no fim deste volume), conjunto esse que faz de sua poesia um marco civilizador para orientais e ocidentais por, no mínimo, dispor na mesma régua certo Oriente e certo Ocidente deliberadamente desgarrados ao longo da história. Em um artigo escrito à revista beirutense *Adab*, de 1962, ele diz:

O patrimônio humano é um todo. É o mesmo patrimônio que desde a Antiguidade foi se constituindo em interação contínua no espaço das terras árabes, através do Mediterrâneo, com os legados culturais que configuraram em seu conjunto a civilização moderna. Nosso patrimônio é esse todo.

A sonhada poesia desse homem do mundo, nascido numa aldeia reclusa da Síria, apresenta uma cara precisa: árabe — fresca, resplendente, inspiradora. É preciso vê-la, pois, nesse particular ao abri-la agora na tradução ao português. O leitor poderá verificar o quão perto e o quão longe podemos estar de uma literatura que dispõe tempos e lugares múltiplos na plataforma única da linguagem que beira a profecia. Uma poesia que embaralha o paganismo e o monoteísmo. Que submete a religiosidade à pauta da experiência mais recôndita do indivíduo e o alça a senhor de si e irmão da liberdade. Por isso mesmo, às vezes não deixará de tocar o leitor de português certa combinação de estranhamentos e reconhecimentos nos poemas, assim como tem tocado há décadas o leitor árabe e os das dezenas de outras línguas para as quais se verteu até agora a poesia de Adonis. Algum hermetismo, por vezes, algum descompasso resultante das diferenças de cultura; espero que a tradução tenha se limitado a esse descompasso, escapando, *inchalá*, à imprecisão na medida do possível.

Agradeço à amiga e colega de estudos Safa Jubran, pelo diálogo mantido durante a tradução, pelo carinho e pelo entusiasmo; a Milton Hatoum, por abrir caminhos para o conhecimento da literatura árabe; aos profissionais sempre atentos da Companhia das Letras; aos estudantes da Faculdade, que leem comigo estes textos; à Arwad Esber; ao Poeta.

MICHEL SLEIMAN é professor de língua e literatura árabe na Universidade de São Paulo.

1957-1968

DO AMOR, DA MORTE, DO QUE NÃO ACABA

[SELEÇÃO]

Este título, dado pela tradução, é formado com base na seleção de poemas tirados dos capítulos “Poemas da morte”, “Canções do amor”, “Limites do desespero” e “Poemas que não acabam”, de *Primeiros poemas*, 1957.

هَبْ
سَنْدْ

يُحِبُّنِي / طَرِيقًا / وَ / بَيْتًا

وَجَرَّةً / فِي

بَيْتًا / عَمْرًا

لَمَاءَ

يَعِشْنَهَا

بِجَارٍ

يُحِبُّنِي

وَلَمْ يَلْقَ / وَ / الْبَيْدَ

وَلَمَّا / وَ

Manuscritos do poema “Amor”.

تُحِبُّنِي سَوْدًا عَلَى تِلْكَ حَم

تَفْرَحُ بِاللَّيْلِ وَالْ

تَفْرَحُ

وَمِنْ مَشْوَرَةٍ مِنْ

فِي

مِنْ صَدْرِهِ لَمْ تَحْيَ

تُحِبُّهَا لَسْتُ بِمَلِكٍ

وَلَمْ يَسْمَعْ

عَصِيَّةً يَخْجَلُ مِنْهَا

لَدُنْهُ .

كَانَ لَهُ

مَا يَفْعَلُ

إِذْ

Amor

Me amam o caminho, a casa
e na casa uma jarra vermelha
amada pela água,

me amam o vizinho
o campo, a debulha, o fogo,

me amam braços que trabalham
contentes do mundo descontentes
e os arranhões acumulados no peito
exaurido do meu irmão atrás
das espigas, da estação, como rubis
mais rubros que o sangue.

Nasci e nasceu comigo o deus do amor
— que fará o amor quando eu me for?

Canções para a morte

1.

A morte quando passa por mim é como se
o silêncio a abafasse
é como se dormisse quando eu dormisse.

2.

Ó mãos da morte, alonguem meu caminho
meu coração é presa do desconhecido,

alonguem meu caminho
quem sabe descubro a essência do impossível
e vejo o mundo ao meu redor.

Folhas

1.

Um eco me diz agora vindo de ti:

“o que conta de mim e de ti
o segredo não tem vida”.

2.

As estações sabemos como amam

que língua falam os campos
e ventos — eles não sabem.

Desespero

Caminha siderado nas pálpebras
conduzido em demorado gemido
desconcerto o atinge por onde anda
como se lhe habitasse os passos.

Vencido pelo ignoto tem as pálpebras
como se horizonte de areias
como se por desespero seu sol
se apagasse no oriente.

O oriente da beleza

Quando penso em ir ver
o oriente da beleza
e o poente me chama
as trilhas se apagam através dos meus passos.

Na sombra das coisas

Gosto de ficar na sombra das coisas
no segredo delas, gosto
de entranhar a criação
de vagar como as ideias
como a arte que se estranha
e, incerto, incauto
renasço a cada dia.

Caminho

Caminho e atrás de mim caminham as estrelas
até seu próximo amanhã
o segredo, a morte, o que nasce, o cansaço
amortecem meus passos, avivam meu sangue.

Não iniciei a trilha, ainda
não vejo nenhum jazigo
caminho até mim mesmo, até
meu próximo amanhã
caminho e atrás de mim caminham as estrelas.

O parto

Para quem a aurora abre a janela do meu olho
e cava um caminho na minha costela?

Por que a morte pulsa nas veias da existência
e ata minha vida ao bater dos segundos?

Sei que meu sangue é um útero para o tempo
que meus lábios vão parir a verdade.

União

A mim se uniu o mundo, as pálpebras
do mundo revestem as minhas.

A mim, à minha liberdade se uniu o mundo
qual dos dois cria o outro?

A pedra de luz

Esculpo minha vida sobre a pedra de luz
vida calma como um grão de trigo
névoa cobre minhas letras
vejo sombra nas minhas palavras.

Por ser amor
permaneço, construo sobre a luz
e um bocado dos meus dias constrói comigo.

A sibila

Sibila acendeu na minha testa
incenso e ao sonho se entregou
como se as pálpebras fossem leito.

Ó sibila dos séculos diga-nos
algo sobre o deus que nasce agora
— há mesmo o que adorar em seus olhos?

Vivo com a luz

Vivo com a luz, minha vida exala
e passa, meus instantes duram anos.
Amo em meu país certa salmodia
que os pastores entoam, como o dia.

Atiraram-na ao sol, pedaço de aurora
abençoaram-na, clara, morreram —
se sorrir em teus lábios a morte
terá chorado tua falta a vida.

FOLHAS AO VENTO

[SELEÇÃO]

Seleção de dezoito das cinquenta pequenas unidades de poemas contidas em “Folhas ao vento”, que é o primeiro poema do livro homônimo, de 1960. A numeração atual segue o sequenciamento resultante da seleção.

عِشَّة / نَفَا

وَجَنَّة / قَصِيْدَةٌ

وَمِنْ /

نَزْد / سَعَةٍ
وَأَرْضٍ /

1.
Avanço
a mortalha me alcança.

2.
Ando na trilha
que liga Deus a soltas cortinas
trocá-lo talvez eu consiga.

3.
Como num jogo
correm nas minhas juntas
os ventos do cansaço.

Sentem medo do meu fogo?
se refugiaram na minha pluma
se esconderam nos meus livros.

4.
Hora não sabida na mudez do tormento
isto são agulhas costurando minha pele
meu caminho está escuro:
onde o rosto do horizonte, para ler para mim meu livro?

5.
Para dizer a verdade
mude seus passos, esteja pronto
para incendiar-se.

6.
Um pouco de tédio
e cubro a todo instante
poças de esperança.

7.

Levo um guia nas asas
que me leva ao caminho
e no caminho há cinzas
que apagam, fogo que arde.

8.

Sou a casa da luz que não se acende:
minha inquietude arde no monte da soberba
meu amor é uma almenara verde.

9.

Repousa nas minhas veias a aquiescência do sonho
chora a cítara das coisas:
o que custa para a aurora lembrar meu passo
o que custa para o sol andar atrás de mim?

10.

Vêm dançar nas minhas pálpebras
a noite cadáver a cidade camaleoa
me revisto de triste Astarte
desenho a tempestade.

11.

Rosto do possível ó rosto do horizonte
mude seu sol ou queime-se.

12.

Virei meu trono do avesso:
quando brinco ou me alegro
preparo em segredo a mortalha
e caminho quando me canso.

13.

Por ser todo eco o horizonte
retorno do que vem, exaltamento
não envelhecem os ventos.

14.

Quem vê como ele a morte e a vida
escreve com os olhos a noite e o dia
e as folhas apagam o que as apagaria.

15.

Vela adivinha do futuro
que tenho que temo o caminho curto?

16.

Confuso disse o depois:
“saltando o canto
do bico do pássaro
o galho não se
encanta”.

17.

Ele é isto, se recusa a subir
a não ser abrasado
tem um fogo que não se apaga
tem um coração.

18.

Brilhe, escreva um poema, ande:
amplie ainda mais a terra.

O CAVALEIRO DAS PALAVRAS ESTRANHAS

É todo o primeiro dos sete capítulos dos afamados *Cantos de Mihyar, o Damasceno*, de 1961, livro que projetou o nome de Adonis a círculos mais distantes de críticos e leitores. Os outros capítulos têm a mesma conformação do primeiro: iniciam com um poema em prosa ritmada denominado “Salmo” e são seguidos por uma série de diferente quantidade de poemas curtos e ritmados, cada qual com um título.

Salmo

Avança desarmado como o bosque e sem ser detido como a nuvem,
ontem carregou um continente e mudou o mar

de lugar.

Traça o avesso do dia. Dos pés produz um dia e da noite empresta um
calçado e espera pelo que não virá. Ele é a física das coisas. Conhece-
as, chama-as por nomes que não revela. Ele é o real e seu contrário, a
vida e a não vida.

Ali onde a pedra vira lago e a sombra cidade, ele vive — e faz errar o
desespero, apaga o chão da esperança, dança para o pó até que este
boceje e dança para as árvores até

que elas durmam.

Ei-lo a anunciar o cruzamento das pontas, a imprimir o signo da
magia na fronte da nossa era.

Enche a vida sem que seja visto. Faz da vida espuma e mergulha nela.
Transforma o amanhã em caça, corre atrás dela em desespero.
Inscritas, suas palavras seguem rumo: à perdição à perdição.

A confusão é sua pátria, mas tem os olhos cheios.

Assusta e conforta

exala terror transborda ironia

descasca os homens como cebola.

Ele é o vento que não volta atrás, a água que não retorna à fonte. Cria
sua espécie a partir dele mesmo. Não tem ascendentes, suas raízes
estão em seus passos.

Caminha no abismo e tem o porte do vento.

Não é estrela

Não é estrela ou sinal de profecia
não é um rosto voltado para a lua
ele vem como lança pagã
invadindo a terra das letras
sangra e ao sol devota a sangria
veste a nudez da pedra
reza às cavernas

abraça a terra leve.

Mihyar é um rei

Mihyar é um rei
para ele o sonho é palácio e jardins de fogo
hoje uma voz morta
queixou-se dele às palavras.

Mihyar é um rei
vive no reino do vento
reina na terra dos segredos.

Voz

Mihyar é um rosto traído por seus amantes
Mihyar é sinos que não tocam
Mihyar está nos rostos
inscrito como canção
que nos visita furtiva
nas sendas claras do exílio
Mihyar é o sino dos errantes
neste chão da Galileia.

Outra voz

Perdeu o fio da meada
apagou sua estrela guia
seus passos viraram pedra
o tédio escavou seu rosto
juntou devagar os restos
juntou-os para a vida, se espalhou.

Seus olhos nascem

Na rocha possessa e rolante
à procura de Sísifo seus olhos
nascem,

seus olhos nascem
nos olhos apagados perplexos
perguntam por Ariadne
seus olhos nascem
numa trilha como a hemorragia
que flui do cadáver do lugar,

num mundo que veste o rosto da morte
que nenhuma língua exprime e nenhuma voz
seus olhos nascem.

Os dias

Seus olhos cansaram dos dias
seus olhos cansaram sem dias
fura as paredes do dia?
procura por outro dia?

haverá em algum lugar outro dia?

Exortação da morte

(vozes)

Mihyar nos ataca
queima nossa casca de vida
nossa resignação
nosso jeito amável
renda-se à calamidade e ao pavor
ó esposa de deus e dos tiranos
ó terra renda-se ao fogo.

Voz

Desce
entre os remos
entre as rochas, encontra
os errantes nas jaras
das noivas, no murmúrio das ostras.

Anuncia o ressurgir das raízes,
das nossas bodas, dos portos, dos cantadores —
anuncia o ressurgir dos mares.

Máscara de canções

Come a fronte a cada vez que tem fome
em nome de sua história nas terras do barro
morre e as estações não sabem como morre
atrás desta longa máscara
de canções.

Ele é a semente confiável
habita as profundezas da vida.

A cidade dos exilados

1.

Ó cidade dos exilados, receba-o
com espinhos, receba-o com pedras
pendure suas mãos como um arco
onde um funeral passe embaixo
coroe suas têmporas
com brasa e tatuagem, e que abraze Mihyar.

2.

Mais de uma oliveira e um rio
mais de uma brisa que vem e vai
mais de uma ilha um bosque uma nuvem
correm na trilha lenta de Mihyar
leem na cama seu livro.

Novo testamento

Não sabe usar estas palavras
não conhece a voz dos desertos
oráculo sonolento como pedra
exaurem-no línguas distantes,

ei-lo a avançar sob os cúmulos
na estação das novas letras
dá-se em poesia aos ventos
rude e mágico como o cobre.

Língua que ondula entre os mastros ele
é o cavaleiro das palavras estranhas.

Entre o eco e a voz

Se esconde entre o eco e a voz
sob o gelo das letras
no suspiro dos errantes
se esconde nas ondas, entre as conchas.

Tão logo a manhã fecha as portas
sobre seus olhos e ele apaga
ei-lo a levar o lampião
ao monte de sua aflição

e ali se refugia.

O sino

A palmeira se inclinou
o dia e a noite se inclinaram
ele se aproxima, é um de nós,

mas o céu
removeu seu teto de chuva, por ele
se aproximou para pender
o rosto dele sobre nós, como um sino verde.

Fim do céu

Sonha em jogar os olhos nas
profundezas da cidade próxima
sonha em dançar no abismo
em ignorar os dias que devoram
as coisas, os dias que engendram as coisas
sonha em levantar, em fluir como o mar
em apressar os segredos
começando um céu

no fim do céu.

O rosto de Mihyar

Fogo

o rosto de Mihyar queima
a terra das estrelas mansas,

vem cruzando as fronteiras
erguendo a bandeira do declínio
destruindo casas,

recusa liderar, sua
desesperança é um sinal
no rosto das estações.

Indecisão

(vozes)

Por ser indeciso
nos ensinou a ler o pó,

Por ser indeciso
uma nuvem cruzou nossos mares
levando seu fogo e a sede das gerações,

Por ser indeciso
a fantasia nos deu seu cálamô, nos deu seu livro.

Dorme nas próprias mãos

Estende as palmas das mãos
para a pátria morta, para as ruas mudas
e quando a morte gruda em seus olhos
ele veste a pele da terra e das coisas
dorme nas próprias mãos.

Carrega nos olhos

Dos olhos toma um brilho
e do fim dos dias e ventos
toma uma fagulha e das mãos
e das ilhas de chuva
toma uma forma e cria a manhã.

Eu o conheço, carrega nos olhos
a profecia dos mares
me chamou história e
poema que lava o lugar,

eu o conheço, me chamou dilúvio.

O gêmeo do dia

Bruxas e portais é a noite
nos pulmões de Mihyar
no rosto amarelo em suas mãos.
Morra vague como nós ó Adão da vida
leve-nos a ele, o queremos
vivemos para ele, Mihyar
nosso gêmeo, o gêmeo do dia.

Os outros

Os outros conheceu, apedrejou
então se virou: nas mãos
a primeira luz do dia e os anos
céleres — pureza de embrião.
Rosto pendido
nos confins mais estranhos
sobre eles se inclina, ilumina.
Onde não há outro igual ele vem
onde os outros não estão ele se vira:
na mão a primeira luz do dia
apagando a página do céu por perto.

O bárbaro santo

Ó país das visões e da saudade,
este é Mihyar, seu santo bárbaro.
Ele leva minha fronte, veste meus lábios
contra o tempo, breve para quem está perdido.

Mihyar — este é seu santo bárbaro.
Sangue e deus tem debaixo das unhas,
é o criador sem ventura, ama-o
quem o viu e então se viu perdido.

FLOR DA ALQUIMIA

Esta série de poemas curtos e ritmados compõe o primeiro capítulo do talvez mais importante livro deste período, *Livro das transformações e da fuga pelas regiões do dia e da noite*, de 1965. A série trabalha a metáfora mais ampla da transformação, da metamorfose do homem em elemento da vegetação e desta, em elemento humano. Em 2002, Adonis verteu para o árabe *Metamorfoses*, de Ovídio.

Flor da alquimia

Preciso viajar no bosque das cinzas
entre as árvores ocultas
na cinza estão as fábulas, o diamante, o velocino de ouro
preciso viajar na fome, na rosa, rumo às colheitas
preciso viajar, descansar
sob o arco dos lábios órfãos
nos lábios órfãos, em sua sombra ferida
está a antiga flor da
alquimia.

Assombro cativo

Vou em busca da sombra entre os brotos e a erva, ergo

uma ilha

ligo os ramos com as margens

e quando se perdem os portos e escurecem as trilhas

visto o assombro cativo

nas asas da borboleta

atrás do forte das espigas e da luz na

morada da doçura.

Árvore do dia e da noite

Antes que o dia venha chego
antes que se pergunte pelo sol ilumino
árvores vêm correndo atrás de mim
andam à minha sombra cálices de flor
e o delírio em meu rosto ergue
ilhas e penhascos de silêncio cujas portas a palavra

desconhece

se ilumina a noite amiga e se esquecem
no meu leito os dias,

depois, quando as fontes rolarem no meu peito
desabotoarem as vestes e dormirem
acordarei a água e os espelhos, e reluzirei
como eles, a lâmina das visões

então eu durmo.

Templo do dia

Olho copos e cálices virarem
travesseiro
um sonho sobre um travesseiro,

no momento do parto
no bosque do mame e do desmame
carrego meus sinos na noite até o templo do dia
a seiva é minha eucaristia entre o pólen e os frutos
as folhas meu batismo.

Árvore do Oriente

Me fiz espelho
refleti tudo
mudei em teu fogo a cerimônia da água e da vegetação
mudei voz e apelo,

passsei a te ver em dois
tu e esta pérola que nada em meus olhos
eu e a água nos fizemos amantes
nasço em nome da água
nasce em mim a água
eu
e a água
nos replicamos.

O signo

Fundi fogo e neve
o fogo não me compreenderá os bosques e a neve
permanecerei obscuro e calmo
a habitar flores e pedras
a esconder-me
a perscrutar
a ver
a ondular
como a luz entre a magia e o signo.

Árvore das entranhas

Nos prados da tristeza, na grama desenho meus dias de

pedra

quebrando a lâmina dos espelhos
entre o sol do meio-dia e a água na poça adâmica,

meus anos migram como a fome
fundem-se no bosque das entranhas,

os anos
tinham bicos entrelaçavam-se fundiam-se
no bosque das entranhas
entre seus ninhos eternos.

Árvore do fogo

Certas famílias, as das folhas de árvore
sentam-se perto da fonte
cortam a terra das lágrimas
leem para a água o livro do fogo,

minha família não esperou minha vinda
foi-se
nem fogo, nem rastro.

Árvore da manhã

Encontra-me ó manhã no campo do desespero
no caminho até o campo do desespero
árvores secas, quantas vezes prometemos
tornarmo-nos dois leitos duas crianças à sombra seca das
árvores secas,

encontra-me, viste os ramos? ouviste o apelo dos ramos
deixando palavras para a seiva?

palavras-reforço aos olhos
palavras-força a fender rochas,

encontra-me
como se nos encontrássemos e tecêssemos a treva
nos vestíssemos e viéssemos batêssemos à sua porta
soerguêssemos a cortina e abrísssemos suas janelas
nos recolhêssemos nas entranhas
dos troncos e implorássemos com nossas pálpebras
e escanceássemos
a ânfora do sonho e das lágrimas
como se ficássemos
no país dos ramos e perdêssemos
o caminho da volta.

Bosque da magia

Seja:

vieram os pássaros, amalgamaram-se as pedras,

seja:

acordarei as ruas e a noite
e passaremos pela alameda das árvores
os ramos serão malas verdes, e o sonho
travessero no entretempo das viagens
onde a manhã persiste estranha
e imprime seu rosto em meus segredos,

seja:

um raio apontou, me chamou uma voz
desde o fim das muralhas...

Árvore dos cílios

...e quando me resignei na ilha das pálpebras
em ser o hóspede das conchas e dos rastros
vi que o destino é um frasco
com águas e fagulhas
pronto a fazer do homem
mito ou fogo lendário,

eu ia carregado sobre os ramos
num bosque lácteo enfeitiçado
seu dia, consagrado à loucura, era
minha cidade, e a noite recinto íntimo.

Árvore da aflição

Folhas avançam repousam nos sulcos da escrita
carregando a flor da aflição
antes que a palavra se torne
ferrugem
a multiplicar na casca da escuridão,

folhas andantes avançam perfilam a terra do

estranhamento

bosque após bosque
carregam a flor da aflição.

Região dos brotos

Aqui esteve Ícaro
sombreou-se sob as folhas pálidas aspirou o fogo
nos quartos verdes nos brotos dóceis
e balançou
balançou o tronco e refugiou-se
enrolou-se como a tenda e depois
inebriou-se voou

não se abrasou — não volte ainda
Ícaro.

Primeiro de dois poemas que formam o capítulo “O Sacre”, que é o segundo do *Livro das transformações e da fuga pelas regiões do dia e da noite*. Poema longo e ritmado que combina verso e prosa. O motivo é épico: o príncipe herói Abderramã o Entrante, que “entrou” na Península Ibérica para reinstaurar a dinastia omíada de Damasco, dizimada no século VIII pelos revolucionários abássidas (tema evidenciado no poema com a morte do irmão mais jovem); também conhecido pelos árabes como o Sacre de Coraix, devido à linhagem que o remonta à tribo coraixita da Península Arábica, a mesma a que pertenceu o Profeta do Islã. Retomando o tema do poema anterior, a transformação ganha agora o selo arquiárabe da migração, a exemplo do Profeta que, fugido de Meca, migrou a Medina para ali fundar a primeira comunidade islâmica. Como a seiva no interior do vegetal e como a água debaixo das areias, que em sua migração fazem brotar a vida, o cavaleiro Abderramã sabe “despertar o espaço morto”, pois sabe “plantar palmeiras nas fendas”. O sacre é a águia que sobrevoa os desertos árabes, tida como a mais resistente ave dessa espécie.

Os dias do Sacre

Entre a presa e o cavaleiro, diante do meu rosto
repousaram as lanças, meu corpo
descamba empurrado pela morte, e os ventos,
cadáveres pendentes, são-lhe elegia
e é como se o dia
empedrasse varando a vida
é como se o dia
fosse comboio de lágrimas

muda teu tom ó voz
ouço a voz do Eufrates:

— “Coraix...
cáfila rumo à Índia
levando o fogo da glória...”

...e o céu se deita sobre a ferida, e as margens
murmuram estendidas:
entre mim e as margens
há uma língua, há um diálogo
que as garças envolvem a rodearem-no como velas
entre nós

— ó Eufrates, seja para mim ponte e máscara.
Desci fundo
muda teu tom ó voz, ouço a voz do Eufrates:

— “Coraix...
pérola a incender em Damasco
entre sândalo e olíbano, mais fina
que as finezas do Líbano, mais bela
que os contos sobre Oriente...”

...e eu no vácuo dos gafanhotos, sob as nuvens feridas
sou pedra de asas mortas
sou pedra de plumas mortas
a morte encilha cavalos
e a vítima
é um pelicano a debater-se.

Muda teu eco ó voz
ouço a voz do Eufrates:

— “Coraix...
só resta de Coraix
o sangue corredio como lança,
só a ferida.”

Escancarai vossas portas de ferrugem ó desertos: sou rei
meu tributo é o espaço, meu reino são meus passos
avanço, rei, e ergo sobre o que venço
sobre o gelo de cepa, a teimosia, ergo o pilar da conquista.

Sei ferir a areia e plantar palmeiras nas fendas
sei despertar o espaço morto enquanto
o caminho desenrola os medos e estreita.
É de espelhos o caminho, livros e espelhos.
Percorro seus ocos perscruto tasteio restos
de cavaleiro amante dos passos
leio o passo a erva a palmeira
um certo horizonte
tecido por curtos respiros onde
o fogo não extingue e onde
não findam os passos príncipes.

Acordei nas fendas
a apalpar os instantes
a sacudir os mamilos dos desertos
andei mais ágil que a flecha mais ágil
feri os feixes e o pó
a terra estreitava mais que a sombra da minha lança —

morri

ouvi o sibilar dos escorpiões, guiei as gangas no espaço

ignoto — morri

inclinei-me na terra em maior paciência que a da terra —

morri

derribei-me nos ombros do vento
e rezei sussurrando às pedras
li as estrelas, tomei seus pontos, apaguei-os
meu desejo traçou um mapa
com meu sangue e as entranhas.
Sem dormir, entre minha raiz e seus ramos, a água a fluir
e as ninfas a plenar a fronte
com flores secas e tumbas cândidas

subo as torres da transformação
onde o terror, onde a cinza destila
onde o soluço desperta e se apaga Simbad.

Se soubesse como o poeta mudar as estações
se soubesse conversar com as coisas
enfeitiçava a tumba do pequeno cavaleiro no Eufrates
a tumba do meu irmão na ribeira do Eufrates
(morreu não teve bálsamos, não teve enterro e orações)
e eu dizia às coisas e estações:
Juntai-vos como se junta o ar
estendei-me o Eufrates
verta a água verde como oliva
no meu sangue enamorado, no meu tempo ancião.

Se soubesse como o poeta tomar as núpcias das plantas
eu cobria estas árvores nuas com crianças
se soubesse como o poeta domar o insólito
de cada pedra eu fazia uma nuvem
para chover sobre a Síria e o Eufrates.

Se soubesse como o poeta mudar a hora da morte
se soubesse ser profecia que adverte e sinaliza
eu gritava: Nuvens, condensai-vos, chovei
em meu nome sobre a Síria e o Eufrates
por Deus, nuvens...

Abriram-se os céus e
da poeira fizeram-se livros
e Deus estava em cada livro
e eu sem dormir, pedra alguma dorme em meu rosto
miragem alguma retém meu olhar —
um sinal vem do Eufrates:

Sou aquele que habita em teu colar ó pomba
em teu bando migratório ó andorinha
sou aquele, um adivinho,
que espalha seus signos e visões
no horizonte e em suas muitas línguas
sou o Eufrates, sou a Península.

Um sinal...
devagar, minha saudade...

O Sacre no seco das veias, nas urbes do pensamento

íntimo

o Sacre como halo gravado no portal da Península
o Sacre saudoso confuso, entre o sonho e o pranto
o Sacre em seu desespero criador, em seu labirinto
ergue no cume, no fundo do fundo
o Alandalus profundo
de Damasco ao Ocidente o Alandalus
levando a colheita do Oriente.

O Sacre escreve ao espaço, esse generoso desconhecido
e lhe pede um lugar limpo como as veias.

O Sacre acena a outros sacres —
cansado o levam os dédalos, o levam as rochas
ele se inclina, alimenta as rochas, alimenta os dédalos
o rosto avante, o sol por encalço
o espaço é fornalha
os ventos, velha a tecer um conto
os sacres, cortejo a abrir o céu.

Como se amante audacioso
juvenil de paixão audaz
ergue o Alandalus profundo
ergue-o para o Mundo — esse novo santuário.

Todo espaço em seu nome é livro,
todo vento em seu nome é hino.

ESTAÇÃO DAS ÁRVORES:
ELEGIAS E EPITÁFIOS AO SACRE EM SUA TUMBA

Poema longo e ritmado, composto de uma série de poemas menores intitulados repetidamente “Árvore”. É o último dos quatro subpoemas que compõem o segundo poema do capítulo “O Sacre” (“Os dias do Sacre” é o primeiro dele). Esta “Estação das árvores” consiste em elegias dedicadas ao príncipe omíada Abderramã, deixadas como epitáfios em sua tumba. O tema da transformação agora é estampado no objeto “árvore”, tornado corpo, tal qual em si é esse *Livro das transformações...*, que de dentro de um poema faz derivarem outros poemas, logo desdobrados em mais outros.

Árvore

Os famintos plantaram
um bosque para a esperança
o pranto nele se fez
árvores, e os ramos
pátria para as mulheres grávidas
pátria para a colheita.

Cada ramo um embrião
deitado no leito do espaço
como verde a encantar o pranto
fugiu do bosque das cinzas
e das torres da aflição
levando a queixa de fome
até a natureza.

Árvore

Todos os dias nas mesquitas
morre uma criança atrás das capelas, morre
o rosto plantado nas ermidas
fantasma diante do qual fogem as casas.

Todos os dias
um espectro sobe triste da tumba
retornando do país da amargura, da terra mais distante
e visita a cidade, as praças, os asilos
derretido como chumbo.

Todos os dias
do deserto vem a fada dos famintos
no rosto um sinal
— uma flor, ou pomba.

Árvore

Como enfeitar as espadas com membros decepados?
como lustrar os caninos? Não sabe.

Chegam num rio, entre cabeças e sangue
sobem o pequeno muro enquanto
ele atrás da porta
(sonha em ficar, como as crianças, atrás da porta)
lê a sentença do último faminto.

Árvore

Duas estrelas caíram
na cabeça do peregrino, e passou uma nuvem.

Ao receber a saudação ele caiu
— palmeira a quebrar, lágrimas a gravar as folhas douradas

palmeira que aprendeu com a tristeza
a traduzir, a ser um caderno
de caligrafia árabe
que aprendeu com a tristeza
entre os limites ocultos
a ser o primeiro lugar
e os ventos que ficam.

Árvore

Eu te disse: acorda, eu vi a água
é criança e conduz o vento e as pedras.

Eu disse: debaixo da água e dos frutos
debaixo da película do trigo
há um sussurro que sonha ser
um hino para as feridas
no reino da fome e do choro...

Levanta — gritei — reconheces a voz?
sou teu irmão al-Khidr*
encilho o potro da morte
arrombo a porta do destino.

* "O Verde", figura mitológica pré-islâmica, citada no Alcorão. Tem a capacidade de dar vida ao solo mais desértico. (N. T.)

Árvore

Não carreguei lanças, não decepei cabeças
no inverno no verão parto como um pássaro
no rio das fomes, rumo à foz devastada.

Meu reino veste o rosto da água:
eu reino na ausência
reino no assombro e no sofrimento
no estio ou na chuva.

Tanto faz me acercar me afastar
meu reino está na luz
a terra é a porta da casa.

Árvore

Invocava, chamava o vento
de cada espaço puxava um filamento
e tecia para dar ao Ocidente a
túnica do Oriente.

(Jesus desce a ele se inclina
verde como pérola
desce na almenara branca
no lado direito de Damasco
e no lado direito de Damasco
mata Satã.)

Enquanto o escuro brilhava em seu caminho
ia mudando os nomes
amava quem estava morto e quem estava por vir
e abandonava os vivos.

Árvore

Correu, me encontrou a manhã
vinha carregado no vento
voltando do adeus à minha tumba.
Tudo retorna:
juízes estão nas flores
os delegados se reúnem na água
 (mortos e embriões se multiplicavam
 nas árvores testemunhas
 e a desgraça junto delas)
ouvi os ramos
entoarem suas leis, e calei
me vesti de natureza.

Árvore

Jeirun tem uma porta feita de rosas
que perfuma quem passa debaixo dela
tem uma tenda para as feridas
e um bosque para a manhã.

Cada ramo é uma ponte
que os olhos escolhem rumo
ao encontro dos ventos
a uma nova manhã.

As noites
são casas de sonhos
que os cansados buscam
ferindo os salmos, lendo
os livros da água e do pó.

Dispondo as lágrimas serenas
em coroas de louro, em colares
como ferida de rosas
que perfumam quem passa por suas fontes tristes.

Árvore

Cobriram-no de mirto
de diáfana angústia
de mistério e silêncio
de dilaceramento luminoso.

Disseram: foi enterrado
e depois abriu a tumba, retirou a morte, e voou
buscando maternidade
na pátria dos homens.

Disseram: uma esposa pobre
aqui atrás do pequeno monte
grávida entre o dia e a noite
em silêncio, em dilaceramento luminoso
esperava a criança por vir.

ESPELHOS DO ATOR INVISÍVEL

[SELEÇÃO]

Nove dos dezessete poemas curtos que formam este capítulo, entre tantos de *O teatro e os espelhos*, de 1968, livro que culmina os anos de “formação” do poeta: reitera e aprofunda formas poemáticas presentes nos livros anteriores, especialmente o poema curto e ritmado, ao lado da exploração mais intensa do poema dramático, não contemplado nesta seleção.

Espelho do sono

Dorme o herói
vigilante como onda
dorme a terra menina
sem cabeça e travesseiro
dorme cadáver o pensamento fero e vermelho.

Órgãos letárgicos ó canais dos humores
do meu corpo e do corpo dos árabes
por onde e como acordo o que dorme?

Espelho da pergunta

Perguntei, disseram: ramo coberto por fogo é pássaro
e disseram: meu rosto
é onda, o rosto do mundo espelhos
suspiro de marinheiro, almenara.
Vim e o mundo em meu caminho era tinta
e cada micromovimento uma palavra.
Eu não sabia: entre mim e o mundo há
uma ponte de irmandade — passam fogo e profecia
meu rosto é uma nave cruzando uma fagulha.

Espelho do século xx

Caixão revestido com rosto de menino
livro escrito nas entranhas de um corvo
fera que avança levando uma flor
rocha que respira nos pulmões de um louco
assim é
o século xx.

Espelho das nuvens

Asas

são, mas de cera

e a chuva a torrente não

é chuva — são barcos levando lágrimas.

Espelho de um corpo apaixonado

O corpo apaixonado, dia após dia
derrete no vento
vira perfume
volteia evoca outros perfumes
chega às camas
cobre os sonhos se evola volta
é como incenso
seus poemas primeiros lembram
o sofrimento de uma criança —
perde-se olhando o redemoinho das pontes:
como ficar nessas águas? como sair?

Espelho do corpo do outono

Você já viu a mulher
como carrega o corpo do outono?
Primeiro ela mistura o rosto e a calçada
depois tece um vestido com os fios
da chuva
as pessoas
na cinza da rua
são brasa apagada.

Espelho do tempo e do olho

Cantei, disse aos dias:
do sangue ergui cidades
que geram ritmos
disse aos dias: estendi-o
como um ramo saudoso
que na seiva me leva ilumina a morte, a mortalha
cantei disse aos dias:
este é o meu sangue
 (certa essência talvez de
 certa ciência
 se a declarasse diriam:
 adora ídolos)
cantei desjuntei — dos cílios que o teciam —
o sonho e juntei ao tempo
o olho.

Espelho de Orfeu

Sua triste lira, Orfeu
não altera o fermento
nem faz para a amada presa na
jaula dos mortos uma cama de amor, um par de braços,
quem morre morre, Orfeu.

uma trança

O tempo tropeça em seus olhos
a lira quebra em suas mãos.

Vejo você despontar nas margens
cada flor é uma canção
a água é como a voz
escuto
vejo você como sombra
que escapa de seu centro
e se põe a girar...

Espelho do giro

Extinto o fogo do giro depois do néctar da ferida e do
sonho
no leito da colheita
brilhou a paixão pelo mais alto, escalei meu anseio, subi
seu fogo, e saímos
do país do suor e do limo
no tapete diáfano da criação.

Hoje sou o aroma astral
me espelho, faço do tempo um espelho para captar meu
rosto adivinho
para captar o dia afiado, como o íntimo, para conquistar
para encantar as distâncias e as margens.

1971-1988

TUMBA PARA NOVA YORK

Emblemático da poesia adonisiana, este é um dos poemas que mais identificam o poeta internacionalmente. Seu antologista e tradutor espanhol Federico Arbós aponta uma série de paralelos entre esse poema de Adonis e *Poeta en Nueva York*, do espanhol Federico García Lorca (1898-1936). A primeira versão do poema, que começa a ser escrita em 25 de março de 1971, em Nova York, e termina em 15 de maio do mesmo ano na cidade de Bikfaya, no Líbano, foi imediatamente publicada em Beirute no número 15 da revista *Mawáqif*. No mesmo ano, e ao lado de outros dois poemas, escritos dois anos antes, igualmente longos e em prosa não ritmada, o poema aparece de novo, no livro *Um tempo entre a cinza e a flor*, e mais tarde, em 1980, é republicado num livro que passa a tomar o título então de um dos três poemas, *Este é meu nome*. Finalmente, a reedição do livro em 1988, texto que serviu de base para esta tradução, traz o poema revisado pelo autor e na versão definitiva. Vale dizer que vários dos temas e recursos presentes no poema reaparecem em composições posteriores de Adonis, o que permite afirmar que com “Tumba para Nova York” ele lavra alguns dos traços mais marcantes de sua poética.

Tumba para Nova York

1.
Até agora, tem-se desenhado a terra como pera,
isto é, um peito
mas entre o peito e a lápide há um truque geométrico, só:
Nova York,
civilização de quatro pernas, cada direção é um crime, um
caminho para o crime, e na distância o gemido dos
náufragos.

NOVA YORK,
mulher — estátua de mulher
numa mão ergue um trapo que a folha chama Liberdade
que nós chamamos História
noutra mão estrangula uma criança chamada Terra.

NOVA YORK,
corpo da cor do asfalto. Em torno da cintura faixa úmida,
o rosto janela fechada... eu disse: abre-o Walt
Whitman — “digo a palavra primordial” — mas só
a escuta um deus já fora do lugar. Os prisioneiros,
os escravos, os desesperados, os ladrões, os doentes
precipitam-se de sua garganta, e não há saída, não há
caminho. Eu disse Ponte do Brooklyn! Mas é a ponte
que liga Whitman a Wall Street, a folha-grama à
folha-dólar...

NOVA YORK — HARLEM

Quem vem em guilhotina de seda, quem vai em túmulo
ao longo do Hudson? Exploda, cerimônia das lágrimas,
soldem-se, coisas do cansaço. Azul, amarelo, rosa,
jasmim e a luz afia suas agulhas e nas pontadas nasce
o sol. Você ardeu, chaga escondida entre as coxas?
Veio-lhe o pássaro da morte, ouviu o fim do estertor?
Uma corda, e a nuca trança a tristeza, e no sangue a
melancolia da hora...

NOVA YORK — MADISON — PARQUE AVENIDA — HARLEM

Preguiça que lembra trabalho, trabalho que lembra
preguiça. Corações encharcados como esponja, mãos

infladas tal caniços. E dos entulhos e das máscaras do
Empire State, a História ergue odores que despencam
de chapa em chapa:
não é cega a visão, sim a cabeça,
não é descarnada a palavra, sim a língua.

NOVA YORK — WALL STREET — RUA 125 — QUINTA AVENIDA

Fantasma medúseo se ergue dos ombros. Mercado de
escravos de todo tipo. Pessoas vivem como plantas
em jardins de vidro. Miseráveis invisíveis
interpenetram-se como o pó no tecido do espaço —
espiral de vítimas.

O sol é funeral,
o dia, tambor negro.

2.
Aqui
no lado musgoso do rochedo do mundo, o único a me ver
é um negro a ponto de ser morto ou um pássaro
a ponto de morrer. Pensei:
planta em vaso vermelho em metamorfose enquanto me
afasto do umbral, e li:

sobre ratos em Beirute e outras localidades pavoneando-se
na seda da Casa Branca, armando-se com folhas
e roendo os humanos,
sobre porcos restantes no jardim do alfabeto pisoteando a
poesia

e vi:

onde quer que eu fosse — Pittsburgh (Fórum
Internacional da Poesia), Johns Hopkins
(Washington), Harvard (Cambridge, Boston), Ann
Arbor (Michigan, Detroit), Clube dos Jornalistas
Estrangeiros, Clube Árabe na sede das Nações
Unidas (Nova York), Princeton, Temple (Filadélfia)

vi
o mapa árabe — égua a arrastar os passos e o tempo a
oscilar como o tributo rumo ao túmulo ou à mais
escura sombra, rumo ao fogo apagado ou o fogo a
apagar-se — descobre-se a alquimia da outra
dimensão em Kirkúk Azahrán e no que persiste
dessas fortalezas na Afrásia Árabe. E eis o mundo a
amadurecer entre nossas mãos. Ei! Preparamos a
Terceira Guerra, fundamos o Primeiro Gabinete, e
fundamos o Segundo, o Terceiro, o Quarto

para nos certificar:

1. naquela parte: uma sessão de jazz
2. nesta casa: uma pessoa que só tem a tinta
3. nesta árvore: canta um pássaro

para proclamar:

1. o espaço é medido na jaula ou na parede
2. o tempo é medido na corda ou no açoite
3. a ordem que ergue o mundo é aquela que

começa com o assassinio do irmão
4. a lua e o sol são moedas que brilham sob o trono
do sultão

e vi
nomes árabes da largura da terra, mais ternos que o olho,
brilham, como brilha um astro perdido que “não tem
ascendentes, suas raízes estão nos seus passos...”

Aqui,
no lado musgoso do rochedo do mundo eu sei, reconheço.
Lembro uma planta chamada vida ou meu país, morte
ou meu país — vento a fixar-se como túnica, rosto
a cortar o jogo, olho a caçar a luz, e invento contra ti,
meu país,
desço ao teu inferno e grito:
te destilo elixir de veneno e te dou a vida
e reconheço: Nova York, tens em meu país o pórtico
e o leito, a cadeira e a cabeça. E tudo está à venda:
o dia e a noite, a pedra de Meca e a água do Tigre. E
proclamo: concorres na Palestina, em Hanói, no Norte
e no Sul, no Leste e no Oeste, com pessoas sem outra
história a não ser o fogo
e digo: desde João Batista, cada um de nós carrega a cabeça
cortada num prato à espera do segundo nascimento.

3.
Desintegrem-se, ó estátuas da liberdade, pregos cravados
no peito com um saber que imita o das rosas. Outra
vez o vento sopra do Oriente, arrancam-se tendas e
arranha-ceús. Duas asas escrevem:
Um segundo alfabeto desponta nas serras do Ocidente, o
sol é filho de uma árvore no jardim de Jerusalém.

Assim alimento meu fogo. Começo de novo, enfermo e
defino:

NOVA YORK,
mulher de palha em cama a balançar no vazio, enquanto
o teto despenca: toda palavra indica queda, toda vogal
é pá e picareta. À direita e à esquerda, corpos que
querem mudar o amor, a vista, a audição, o olfato,
o tato e a mudança — que abrem o tempo como
se arrombassem a porta e, nas horas que restam,
improvisam
o sexo, a poesia, a moral, a sede, a fala, o silêncio e
exilam as fechaduras.

Eu disse: atijo Beirute,
“Procura a ação. A palavra está morta”, me dizem. A
palavra morreu porque a língua de vocês trocou o
hábito da fala pelo hábito do gesto. A palavra? Vocês
querem descobrir seu fogo? Então escrevam. Eu digo
“escrevam”, não digo “gesticulem”, nem digo “copiem”.
Escrevam — do Atlântico ao Golfo não escuto
nenhuma língua, não leio nenhuma palavra. Escuto
gritaria. Por isso não vejo nenhum lançador de fogo.
A palavra é a coisa mais leve e no entanto carrega tudo. A
ação é lugar, é instante. A palavra são os lugares todos
é o tempo todo. A palavra — a mão; a mão — o sonho.
Eu te descubro, ó fogo, meu protetor,
Eu te descubro, poesia,

e atijo Beirute. Ela me veste e eu a visto. Andamos como
o raio, perguntamos: Quem lê? Quem vê? Os
Phantom de Dayyan, e o petróleo escorre ao seu
destino. Deus está certo; Mao não se enganou: “As

armas são um fator muito importante na guerra,
mas não decisivo. O homem, não as armas, é o fator
decisivo”. Não há vitória cabal, nem derrota cabal.

Repeti essas máximas, como fazem os árabes, em Wall

Street, onde desembocam rios de ouro de todas as
cores, vindos das mais variadas fontes. E vi entre
eles rios árabes carregando milhões de pedaços de
cadáveres, vítimas e oferendas ao Grande Ídolo. E
em meio às vítimas, as gargalhadas dos marinheiros
enquanto rodavam o Chrysler Building para regressar
às fontes.

Assim alimento meu fogo,

habitamos a gritaria negra para encher nossos pulmões

com o ar da história. Despontamos nos olhos negros
cercados como tumbas para vencer o eclipse.

Viajamos na cabeça negra para escoltar o próximo sol.

4.

NOVA YORK, mulher sentada no arco do vento,
forma mais insólita que o átomo,
ponto a despencar no vazio dos números,
uma perna no céu, e outra na água.

Diz: Onde está tua estrela? A briga começa entre a grama
e os cérebros eletrônicos. Nosso tempo está pendurado
na parede, e sangra. No alto uma cabeça junta os
polos, no centro a Ásia, e embaixo dois pés invisíveis.
Eu te conheço, cadáver que nada no perfume
das papoulas, eu te conheço, ó jogo dos seios. Olho para
ti e sonho com o gelo, olho para ti e espero o outono.

Teu gelo carrega a noite, tua noite carrega gente como
morcegos que encontram a morte. Toda parede em ti
é cemitério, e todo dia é um coveiro negro
na mão um pão negro um prato negro
com que delinea a história da Casa Branca:

a) Cães entrelaçam-se como argolas. Gatos geram elmos e
correntes. E nos becos que se esgueiram nas costas dos
ratos, multiplica-se a Guarda Branca como cogumelos.

b) Uma mulher anda atrás de seu cão selado como
cavalo. O cão anda como um rei, e a seu redor a
cidade marcha como exército de lágrimas. E onde se
amontoam crianças e velhos cobertos com pele negra,
dissemina-se a impunidade das balas feito grãos, e o
pânico bomba no peito da cidade.

c) HARLEM — BEDFORD-STUYVESANT: Areia de gentes se
condensa — torres sobre torres. Rostos tecem as
horas. Imundícies para banquete das crianças,
crianças para banquete dos ratos... na eterna festa
da nova Trindade: o Arrecadador, o Policial, o Juiz
— o poder do crime, a espada do extermínio.

d) HARLEM (o negro odeia o judeu).
HARLEM (o negro não gosta do árabe quando lembra o

comércio de escravos).

HARLEM — BROADWAY (os homens entram como
moluscos em alambiques de álcool e drogas).

BROADWAY — HARLEM, festival de correntes e bastões, a
Polícia a fermentar o tempo. Um só tiro, dez pombas.
Os olhos como baús boiando em gelo vermelho,
enquanto o tempo manca num cajado.
Ao cansaço! ó negro velho, criança negra! Ao cansaço!
Ao cansaço!

HARLEM

HARLEM

NOVA YORK = I. B. M. + SUBWAY vindo da lama e do crime,
indo para a lama e o crime.
NOVA YORK = buraco nas camadas da terra de onde flui a
loucura em rios caudalosos.
HARLEM, Nova York agoniza e tu és a hora.

6.

Entre o Harlem e o Lincoln Center,
avanço, eu, número errático em deserto coberto por
dentes negros de aurora. Sem neve, ou vento. Ia como
quem vai atrás de espectro (o rosto não é rosto, sim
corte e lágrima, o talhe, rosa seca), espectro — (é
mulher? homem? mulher-homem?) que leva arcos
no peito a espreitar o espaço. Passou uma gazela,
chamou-a Terra, apareceu um pássaro, chamou-o Lua.
E eu soube que ele corre para testemunhar o nascer
do Índio Americano... na Palestina e nas pátrias irmãs,
o espaço é película de balas,
a terra, tela de mortos.

Percebi que eu era um átomo, em onda, levado em bloco,
rumo ao horizonte, horizonte, horizonte. E cáí, vale
longo, bipartido, e veio-me a dúvida de se a Terra era
redonda...

e Iara estava em casa,
Iara é limiar de outra terra; Ninar, a outra ponta.
Pus Nova York entre parênteses e andei por cidade
paralela. Pés repletos de ruas, e o céu, lago onde
nadam os peixes do olho e da mente, e a animália das
nuvens. E o Hudson, corvo a bater asas em corpo de
rouxinol. E a aurora vinha até mim como criança em
gemidos a expor suas feridas. Chamei a noite, não
atendeu. Carregou o leito e foi dormir na calçada.
Depois vi a noite se cobrir com um vento tão fino
como o vento dos muros e colunas... Um grito,
dois gritos, três... assustou-se Nova York, rã meio
congelada pulando em lago sem água.

LINCOLN,
assim é Nova York: apoia-se no cajado da velhice e se
diverte nos jardins da memória, e todas as coisas se
inclinam à flor artificial. Enquanto te observo, entre
o mármore, em Washington, e vejo um semelhante
teu em Harlem, penso: quando virá tua em breve
revolução? e sobe minha voz: Livrem Lincoln da

brancura do mármore, de Nixon, dos cães de guarda
e de caça. Deixem-no ler, com olho novo, o chefe dos
negros, Ali Ibn-Muhammad, ler o horizonte lido por
Marx, Lênin, Mao Tse Tung

e al-Níffari,

esse louco celestial que estreitou a terra e lhe permitiu

habitar entre a palavra e o signo. Que leia o que
gostava de ler Ho Chi Minh: Urwah Ibn-Alward —
“Divido meu corpo em muitos corpos...”, e Urwah
não conheceu Bagdá, e talvez tenha se negado a
visitar Damasco. Ficou no deserto, outro ombro a
acompanhá-lo a carregar a morte. E deixou aos
amantes do futuro parte do sol impregnada no
sangue de certa gazela a quem chamava: minha
amada! E combinou com o horizonte que lhe fosse a
última morada.

LINCOLN,

assim é Nova York: espelho que só espelha Washington.

E assim é Washington: espelho que espelha dois
rostos — Nixon e o pranto do mundo. Entra na dança
do pranto, há ainda um lugar, um papel por fazer...
Amo a dança do pranto que se transforma em pomba
que se transforma em dilúvio. “A terra precisa do
dilúvio...”

Eu disse pranto querendo dizer ira. E assim quis também

propor: Como convencer a cidade de Maárri de seu
poeta Almaárri? Como convencer as planícies do
Eufrates de seu Eufrates? Como trocar o elmo pela
espiga? (é preciso ter coragem para propor outras
questões sobre o Profeta e o Livro Sagrado), digo e
vejo uma nuvem cercar o fogo; digo e vejo homens
caírem como lágrimas.

7.

NOVA YORK,

eu te aperto entre as palavras. Eu te agarro, te reviro, te
 escrevo, te apago. Quente e fria. Desperta e dormente.
 Sento-me sobre ti e suspiro. Passo à tua frente e te
 ensino a me seguir. Te trituro com meus olhos, tu, a
 triturada por pavor. Tentei mandar em tuas ruas:
joga-te entre minhas coxas para eu te parir outro fim;
 e tuas coisas: lava-te para eu te dar outros nomes.

Eu não via diferenças entre um corpo com cabeça a
 sustentar ramos, chamado árvore, e um corpo com
 cabeça a sustentar linhas finas, chamado pessoa.
Confundi pedras e carros, sapatos nas vitrines parecem
 capacetes da polícia, e o pão, folha de antimônio.

Contudo, Nova York não é um nonsense, é palavra. Mas
 quando escrevo Damasco, não escrevo palavra e sim
 imito um nonsense. D-A-M-A-S-C-O ainda é uma voz,
isto é, algo vindo do vento. Saiu da tinta, certa vez, e
 não voltou. O tempo para, como se guardasse o
 umbral, e se pergunta: Quando voltará Damasco,
quando entrará? Também Beirute, o Cairo, Bagdá,
 nonsenses comuns como a poeira ao sol...
um sol, dois, três, cem...

(Alguém se levanta, misto de serenidade e angústia nos
 olhos. Deixa mulheres e filhos, no ombro uma arma.
 Um sol, dois, três, cem... ei-lo derrotado, como fio,
 enrolado nele mesmo. Senta-se num café. O café se
enche de pedras e estátuas chamadas homens, rãs que
 vomitam palavras e sujam os assentos. Como esse
alguém conseguirá revelar-se tendo a cabeça cheia de
 sangue, e o sangue cheio de correntes?)

Pergunto a ti, que me dizes:

Não sei de Ciência, me especializo na Alquimia dos

Árabes.

8.

A senhora Brewing, uma grega em Nova York. A casa
dela é uma página do livro do Mediterrâneo-Oriental.
Mirène, Niamat Allah, Yves Bonnefoy... e eu como
quem se perde e diz coisas indizíveis. O Cairo
se espalhava entre nós como rosa que desconhece
as horas. Alexandria se misturava com a voz de
Kaváfis e Seferis. “É um ícone bizantino...”, ela disse
enquanto o tempo grudava em seus lábios um
perfume vermelho. O momento se arqueava, o gelo se
curvava (meia-noite, 6 de abril de 1971).

Acordei de manhã aos gritos
um pouco antes da hora de voltar: NOVA YORK!

Misturas crianças e neve e preparas o bolinho da
tarde. Tua voz é óxido, veneno derivado da alquimia,
e teu nome é insônia e asfixia. O Central Park oferece
um banquete às suas vítimas, e debaixo das árvores
há cadáveres e punhais. Ao vento restam os galhos
desnudos. Ao peregrino, um caminho fechado.

Acordei de manhã aos gritos: NIXON, quantas crianças você
matou hoje?

— “Isto não tem importância” (Calley).

— “Certamente que isto é um problema. Mas não é certo
também que isto diminui o número de inimigos?”
(um general americano).

Como dar ao coração de Nova York outra dimensão?
Será que assim o coração alarga seus limites?

Nova York — General Motors da morte.

“Trocaremos os homens por fogo!” (McNamara) — Secam
o mar onde os rebeldes nadam. E “quando fazem da
terra um deserto, chamam isso de paz!” (Tácito).

Levantei-me antes da manhã, e acordei Whitman.

9.

WALT WHITMAN,

vejo cartas a ti endereçadas voarem pelas ruas de
Manhattan. Cada qual é uma carruagem carregada de
cães e gatos. Para os cães e gatos o século XXI, e para
os humanos o extermínio:

Esta é a Era Americana!

WHITMAN,

não te vi em Manhattan, e vi tudo. A lua é uma casca
atirada da janela, o sol uma laranja elétrica. E quando
do Harlem salta uma via negra redonda, como lua
apoiada nos cílios, detrás da via surge uma luz que
se esparge ao longo do asfalto e penetra como planta
depois de alcançar o Greenwich Village, esse outro
Quartier Latin, isto é, aquela outra palavra, *jubb* (جب
poço), que se obtém colocando-se um ponto sob
a primeira letra de *hubb* (حب amor). (Lembro que
escrevi isso no restaurante Viceroy em Londres,
quando a única coisa que eu tinha era tinta. E a noite
crescia como cresce a penugem nos pássaros.)

WHITMAN,

“O relógio anuncia a hora” (Nova York — a mulher é lixo,
e lixo é tempo a caminho das cinzas).
“O relógio anuncia a hora” (Nova York — o sistema
é o Pavlov e as pessoas os cães de experimentos...
onde a guerra a guerra a guerra!)

“O relógio anuncia a hora” (Carta vinda do Oriente).
Uma criança a escreveu com o próprio sangue. Leio-a:
O brinquedo não é mais uma pomba. O brinquedo é
um canhão, uma metralhadora, um fuzil... Cadáveres
em ruas ensolaradas ligam o Hanói a Jerusalém, e
Jerusalém ao Nilo.)

WHITMAN,

“O relógio anuncia a hora” e eu
“vejo o que não viste, sei o que não chegaste a saber”,
me movimento numa área imensa de caixas muito
próximas como caranguejos-amarelos num oceano de

milhões de pessoas-ilhas; cada qual uma coluna com
duas mãos, duas pernas e uma cabeça espatifada. E tu
“delinquente, proscrito, exilado”
não és mais que um chapéu usado por pássaros que os
céus da América desconhecem!

WHITMAN, que seja agora a nossa vez. Faça com
meus olhares uma escada. Teço com meus passos um
travesseiro... esperaremos. O homem morre, mas
sobrevive à tumba. Que seja agora a nossa vez. Espero
correr o Volga entre Manhattan e Queens.
Espero desaguar o Huang Hu onde deságua o Hudson.
Estranhas? O Orontes não desemboca no Tibre? Que
seja agora a nossa vez. Escuto um abalo e um estrondo.
Wall Street e o Hudson se encontram — também as folhas
e o trovão, o pó e o furacão. Que seja agora a
nossa vez. A ostra constrói seu ninho na onda da
história. A árvore sabe seu nome. Cravejada de
buracos está a pele do mundo, sol que altera a máscara
e o fim e soluça num olho negro. Que seja agora a
nossa vez. Podemos girar mais rápido que a roda,
esmagar o átomo e nadar num cérebro eletrônico
pálido ou brilhoso, vazio ou cheio, fazer de um pássaro
uma pátria. Que seja agora a nossa vez. Um livro
vermelho galga. Não a tábua que apodreceu sob as
palavras mas esta que cresce aos lados e acima, a tábua
da sábia loucura, e a chuva que acorda para herdar o
sol. Que seja agora a nossa vez. Nova York é uma
pedra que rola na testa do mundo. Sua voz está nas
tuas roupas e nas minhas. Seu carvão tinge tuas
extremidades e as minhas... Posso ver o fim do mundo,
mas como convencer o tempo a me manter até que
eu possa vê-lo? Que seja agora a nossa vez. E que o
tempo nade na água desta equação:

NOVA YORK + NOVA YORK = a tumba ou qualquer coisa que
venha da tumba,

NOVA YORK – NOVA YORK = o sol.

10.

Em oitenta faço dezoito.* Eu disse isso, e digo e repito,
mas não me escutou Beirute.

Cadáver este que faz uno o homem e a roupa.

Cadáver este o atirado como livro e não como tinta.

Cadáver este que não habita a morfologia e a sintaxe do
corpo.

Cadáver este que lê a terra como pedra, e não como rio.

(Sim, amo os provérbios e máximas, às vezes —

Se não provas da paixão, és um cadáver!)

Digo e repito,

minha poesia é árvore e entre um galho e outro e uma
folha e outra há tão só a maternidade do tronco.

Digo e repito,

a poesia é a rosa dos ventos. Não o vento mas a corrente
de ar, não o giro mas o circuito. Assim suprimo a
Regra, e fundo para cada instante uma regra. Assim
me aproximo e não saio. Saio e não volto. E rumo a
setembro e às ondas.

Assim, carrego Cuba nos ombros e pergunto em Nova

York: Quando chegará o Castro? E entre o Cairo e
Damasco espero no caminho à frente...

...O Guevara encontrou a liberdade. Entrou com ela

na cama do tempo e dormiram juntos. Quando ele
acordou não a viu. Deixou o sono e entrou no sonho,
em Berkeley, em Beirute e em outras colmeias, onde
todas as coisas se preparam para ser todas as coisas.

Assim,

entre um rosto inclinado à marijuana carregado pela tela
da noite

e um rosto inclinado à I. B. M. carregado por um sol frio,
deixei discorrer o Líbano como um rio de fúrias... Numa

margem saiu Gibran e noutra saiu Adonis.

Saí de Nova York, como quem sai da cama:

a mulher é estrela apagada, e a cama se quebra, árvore
sem espaço,

vento manco,

cruz que deslembra o espinho.

E agora,

na carruagem da água primeira, carruagem das imagens

que ferem Aristóteles e Descartes, me espalho entre

a Achrafie e a Biblioteca de Ras Bairut, entre Záhrrat

Alinsán e a Gráfica Háiek e Kamal, onde a escrita se

transforma em palmeira e a palmeira em pomba,

onde se multiplicam *As mil e uma noites* e onde se

escondem Laila e Buçaina,

onde Jamil viaja cruzando pedras, e onde ninguém

encontra Imru al-Qays.

Mas,

a paz! para a rosa das trevas e areias,

a paz! para Beirute.

(Nova York, 25 de março — Bikfaya, 15 de maio de 1971)

* Dezoito anos da nacionalidade libanesa de Adonis, adotada em 1962. (N. T.)

É um dos textos mais queridos do poeta, que o leu durante uma celebração da Intifada palestina, realizada em Amã, entre 8 e 15 de dezembro de 1990, quando foi acusado, por estudantes universitários presentes na plateia, de cometer blasfêmia ao ler os versos “não sabe que Deus e o poeta/ são dois meninos e dormem na face das pedras”. A anedota, narrada por Adonis em seu ensaio autobiográfico “Aí está você, tempo”, de 1993, é exemplar quanto ao seu entendimento dos assuntos da fé, da sociedade e da política: que é preciso fazer uma profunda reforma do pensamento árabe, tendo o laicismo à frente. Datado entre 4 de junho e 25 de outubro de 1982, o poema abre o *Livro do cerco*, publicado em Beirute em 1985, no mesmo ano em que o poeta rumou a Paris para tomar residência definitiva. É esse seu livro mais testemunhal de sua vivência da guerra civil do Líbano, país que o poeta escolheu para ser cidadão.

O tempo

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de

fogo:

Que sangue é esse que jorra da areia, que ocaso é este?
Chama do agora, nos ensine a dizer.

Na garganta os retalhos da história
e em frente os sinais das vítimas,
como é amarga a língua agora
como é estreita a porta do alfabeto.

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de

fogo:

...Agora o carrasco é o amigo? é o vizinho?
Disse: Quem segura o Hulago? quem bate? é o

arrecadador?

Deem-lhe o tributo... Mulheres e homens de todo
tipo... imagens passam, gesticulamos
cochichamos, nossos passos puxam a linha do assassinio.
É deus que vem da morte
ou a morte é que vem de deus?
— A charada o deixou confuso
dobrou um arco de pavor
sobre os dias arqueados.

— Tenho um irmão perdido
um pai louco
meus filhos estão mortos,
a quem recorro? abraço a porta?
me queixo ao tapete?
— Está confuso, deem-lhe a cura,
tragam rapés de alfaqui.

Cadáveres, maravilha dos assassinos, silos de ossos.
O montinho é cabeça de criança ou pedaço de carvão?
Isto é um corpo ou esqueleto de barro?
Me inclino, remexo nos olhos, remendo a cintura
talvez me ajude imaginar
talvez me oriente a luz da memória

mas não adianta submeter linha fina
não adianta juntar cabeça braço perna, não dá
para saber a identidade do morto.

— Para quem a formiga ensina?
Por que o assombro? A poesia
é essa mistura do olho com a trágica fagulha
êxtase é você ver sua casa erguida a Deus em estilhaços.
A coruja de um adivinho
grita do alto do minarete
a voz dela tece um arco-íris
e chora estrangulada
até ficar alegre.

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de

fogo:

...O Bobo revelou seus segredos:
o tempo rebelião é joalheria, é pântano de profetas.
O Bobo revelou seus segredos:
a verdade será a morte
e a morte o pão dos poetas
e o que se chamou ou agora virou pátria
é só um tempo que boia na superfície do Tempo.

O Bobo revelou seus segredos:
Onde está a chave ó esplendor de dilúvio?
Me afunde delicadamente
carregue o fim das minhas margens me carregue.
Me fascinam as profundezas do mar em chamas
me fascina a palha queimando
e os caminhos que espantam outros caminhos.

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de

fogo:

Minha alma esqueceu as coisas da paixão
esqueceu o que ela herdou na casa das imagens
já não lembra o que diz a chuva
e o que escreve a tinta das árvores
agora o que desenha é uma gaivota
atirada pelas ondas nas cordas de um navio
o que ela escuta é o metal gritando:
este é o peito da cidade

lua fendida amarrada no umbigo de um demônio de

fagulhas

já não sabe que Deus e o poeta
são dois meninos e dormem na face das pedras.
Minha alma esqueceu as coisas da paixão
por isso temo a sombra, o anunciado amanhã
por isso dúvida e sonho me dominam
e corro amarrado de fogo em fogo.
Mergulhei sob o suor que jorra do meu corpo
dividi com as paredes a insônia da noite
(os passos da noite são feras...).Certas vezes eu disse à poesia deitada na minha memória:
Qual dos serrotes no meu pescoço
dita agora o versículo do silêncio?
Para quem vou contar minhas cinzas?
Se não sei arrancar meu pulso e atirá-lo sobre a mesa
se não sei fazer da tristeza um tambor para o céu
então é melhor eu dizer: minha vida
foi uma casa de fantasmas e um moinho de ventos.

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de

fogo:

As árvores do amor em Qassabin irmanaram
as árvores da morte em Beirute.
Assim, o bosque de mirto consola o bosque do exílio
e se Qassabin entra no mapa da erva e destila as
entranhas das planícies

Beirute entra no mapa da morte: tumbas
como jardins, membros arrancados como campos.
O que faz Qassabin derramar-se em Tiro e Sidon
se Beirute é a cidade que se derrama?
O que é que à distância se aproxima
e mistura no meu mapa este sangue?

Secou o verão, não chegou o outono
a primavera ficou negra na memória da terra
o inverno é como a morte quer:
agonia, sangria, tempo a fluir
da garrafa do destino, da palma da fortuna
tempo de errância que improvisa o Tempo e ruma o ar.
Como vocês querem conhecê-lo? e por onde?
O assassino sem rosto tem todos os rostos...

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de

fogo:

Esgotado me viro, olho o longe.

Que farrapos são aqueles?

histórias? países? estandartes nas escarpas do crepúsculo?

Aqui estou, e num único instante

leio gerações e num único corpo

leio milhares de corpos.

Um abismo tolo me cobre

o corpo fica fora de controle

o rosto não encontra o espelho

o sangue esguicha das veias.

Isto é porque eu não vejo

a luz que atrai meus sonhos?

Isto é porque sou o ponto mais distante

do mundo que todos louvam e eu blasfemo?

O que é que arranca meu fundo para fora

e o leva pelas florestas do desejo

por países e oceanos de lágrimas

por gerações de símbolos

por raças e etnias, eras e povos?

O que é que me separa de mim e me desarticula?

Serei uma bifurcação,

e na hora da revelação não será meu o meu caminho?

Serei mais de um? Terminarei no abismo? Terei um

encontro na fogueira?

E isto que sobe em gargalhadas nos meus órgãos

estrangulados?

Serei mais de um, e cada um perguntará ao outro:

Você é quem? você é de onde?

E meus órgãos? serão florestas de combate

...em sangue que é vento, em corpo que é folha?

Isto é loucura? quem sou nesta escuridão?

me mostre, me guie ó loucura.

Quem sou, meus amigos? vocês

os clarividentes, os fracos — ah se eu pudesse sair da pele.

Não sei quem fui, quem serei

procuro por um nome e algo para nomear, e nada tem

nome.

É um tempo cego, é história cegada

tempo limo, história ruína

quem possui é possuído — bendita seja ó escuridão.

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de
Meu avô semita foi tomado por aquilo que o destino cego

fogo:
cria —

papagaio? profeta vertido em múmia?
Ó avô cujo caminho deixa agora,
está certo, você mora no germe das águas
nas dobras dos céus, e é prudente
que ande como anda altivo e para trás
você é o segredo, o reino repleto de profecias
eu sou o incapaz de compreendê-lo
o desconcertado no erro
você é o milagre ó avô que eu recuso agora
e por cujo nome criador cheguei a gostar da criação
você não iria me conhecer, nada nos liga já a não ser
as ruínas enraizadas no meu fundo —
que choram por mim, que me fazem chorá-lo.

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de

fogo:

o fim da era que fez chover a pedra marga
encontra o início da era que faz chover o óleo,
o deus da palmeira se curva a um deus de metal,
eu entre os dois sou sangue sacrificado
caravana que se retirou.
Percorro meu fogo apagado
procuro disfarçar orgulhosa
minha morte em seu deserto
e digo:
o universo é o que tece meu sonho...
As linhas desembaraçam na noite
da queda, me vejo solto num abismo
vejo as coisas como roda de fumaça
o mundo como se fosse uma caça:
a mesa está posta — os corpos
são vegetais, as canecas são cabeças
deus está sentado à mesa das caças
o lagarto tinha sido soldado
a gazela tinha sido doceira,
— é deus
quem come a caça ou é a caça

que come deus?
Os caminhos mentem, as margens traem.
Como não enlouquecer?
Por isto afasto a comida e quem a come
e me livro de direções equivocadas.
Meu consolo é que entro fundo no sonho
extravaso, ondulo e canto
a paixão pela recusa e alucino:
Vênus é um chocalho para os meus dias
Capricórnio é uma pulseira, e digo:
as flores com suas coroas são como balcões...
Meu consolo é que transgrido,
invoco os verbos da transgressão.

Encilho os ventos indomados.
A história está imolada
e a imolação é só o começo.
Deixem o imolador, o imolado, a imolação
como testemunhas.
Cubram-me com as sobras, inscrevam-me:
uma ruína entre ruínas.

Assim me sirvo da sabedoria em sua mina, e grito:
salve ó minhas ruínas,
salve ó eclipse.
Amanhã a morte me apaga
e não serei apagado
amanhã saio de uma luz a outra.
É verdade que sou mais fraco que uma linha
mas sou mais sublime que um deus.

Assim começo
abraçando meu chão, os segredos de sua paixão:
o corpo do mar é seu amor
e as mãos desse corpo é o sol
corpo que guarda o trovão
e onde a ternura ancora
corpo promessa — ao que falto
enquanto saio desta aposta —
corpo: cubram com luz de chuva apaixonada
o rosto da camomila.

E seja...
abraço a era a caminho

ando indômito, andar de capitão
desenho meu país:
escalem seus picos mais altos
desçam seus desfiladeiros
não verão medo nem grillhões,
é como se o pássaro fosse um ramo
é como se a Terra fosse uma criança
e os mitos, mulheres.
É sonho? Quem vier depois de mim
que inaugure este espaço.

Minha pele não é um casebre de pensamentos
minha paixão não é um lenhador de lembranças.
Eu descendo da recusa,
minhas bodas sementam dois polos
e é meu este tempo, o deus morto, a máquina cega.
Meu tempo é viver a poça dos desejos
é serem flores meus membros cortados
é eu ser o princípio da água, o fim do fogo — o louco por

vida.

Revelando ao Tempo
seus desejos, seus segredos,
ele reconhecerá
 que é perdido
 e discorde
 e transgride.

(Beirute, 4 de junho — 25 de outubro de 1982)

O livro *Celebração do claro-escuro*, de 1988, celebra temas que vão da completa abstração, como o “ele”, o “ela”, o “eles”, até os nomes ápices da poesia árabe neoclássica, Abu-Nuwas e Abu-Tammam, que elevaram a língua a patamares insuspeitos. Igualmente o livro celebra o vento e as árvores, o dia e a noite, a realidade, a solidão, o jogo da vida e da morte. Trata-se de obra ímpar da trajetória de Adonis, não pela acusada e repetida forma ao longo do livro, as já exploradas sequências cumulativas de poemas curtos, mas por guardar no poema, bem como no livro, um tipo de unidade entre forma e conteúdo ainda não experimentada por ele até a data. Expressa muito bem seu labor poético dos anos 1980: ancora na realidade, testa-a, porém a relega ao plano mais sutil da abstração. Este “Celebração de Beirute, 1982” e o próximo, “Celebração da infância”, pintam a seu modo a Beirute dos tempos de guerra e a infância vista a partir da maturidade.

Celebração de Beirute, 1982

O tempo avança,
na mão um cajado de ossos de corpos.

A lâmina da insônia
marca o pescoço da noite.

Crânios — uns servem sangue
outros se embriagam e deliram.

O fogo se suja?
o vento se infla?

Fumaça é nuvens.
Nuvens têm forma de cabeças.

Letras caídas
são impressas dispersas no chão
— pedaços de corpos.

Hoje o horizonte recomendou a seu filho
o vento que não saísse.

Como não se cansam as pedras do caminho?

Nem mesmo o sol consegue
iluminar este corpo que sangra sombra.

Dias cobertos de pó
têm feições de velhos.

Mariposas queimam
subindo a escada do sono.

A cinza, princesa,
toma assento e recebe as honras.

O míssil, rei,
arrasta a cauda
sobre os corpos dos súditos.

O sol está prestes a dizer
à luz: ofusca meus olhos.

Será a vida um erro
que a matança corrige?

Onde está a cova aberta para acolher as lágrimas?
E o buraco que acolherá a alma?

A coisa elimina a coisa.

Não terá outro seio
este céu?

Esta rosa, de onde lhe vem tanta obstinação?
Está sempre lendo seu amor.

O dia tem medo do dia
e a noite se esconde da noite.

Agradeço
ao pó que se mistura com a fumaça e a abranda,
ao intervalo entre uma bomba e outra,
ao piso que sempre aguenta meus passos,
agradeço às pedras que ensinam a paciência.

Apagou-se a luz.
Vou acender a estrela dos meus sonhos.

Leva-me, amor,
e me mantém trancado.

Celebração da infância

Lembro a loucura
apoioando-se, pela primeira vez, no travesseiro do juízo:
eu falando com meu corpo.

Meu corpo era um pesamento
que eu escrevia em vermelho:
o vermelho era o mais belo assento do sol
e todas as outras cores rezavam
em cima de um tapete vermelho.

A noite era outro lampião.

Em cada galho havia um braço:
carta carregada pelo espaço
confirmada pelo corpo do vento.

O sol insistia, nesses tempos,
se vestia de bruma
em nossos encontros:
era reprimenda da luz?

Ah meus dias idos...
caminhavam sonâmbulos
e eu apoiado em seus ombros.

O amor e o sonho são parênteses
onde interponho o meu corpo
e nisso conheço o mundo.

Muitas vezes
vi o vento voar com pés de erva
vi o caminho dançar com pés de vento.

Meus desejos são rosas
manchadas por meus dias.

Cedo me feri
cedo soube
que as feridas me criaram.

Não paro de andar atrás da criança
que não para de andar dentro de mim.
Agora ela para no topo de uma escada de luz
à procura de um canto para descansar
e de novo ler o rosto da noite.

Se a lua fosse uma casa
meus pés recusavam cruzar sua soleira:
eu seria tomado pela poeira
que me traz o vento das estações.

Caminho
ponho uma mão no ar
e a outra nas tranças que imagino.

A estrela é também uma pedrinha
no campo astral.

Só quem se misturou com o horizonte
pode abrir um caminho.

A lua, uma velha...
seu assento é a noite, seu cajado é a luz.

O que direi àquele meu corpo
que deixei entre as ruínas da casa onde nasci?
Não. Só poderão contar minha infância
as estrelas que cintilam em cima daquela casa

e pontilham com seus passos as direções da noite.

Minha infância ainda
nasce entre as mãos de uma luz
cujo nome desconheço e me dá nome.

Aquele rio.
Fazia dele um espelho
para perguntar-lhe sobre suas tristezas,
das tristezas fazia chuva
para imitar as nuvens.

Pequena aldeia tua infância
e apesar disto
não ultrapassarás suas fronteiras
por mais que te afaste a viagem.

Seus dias são lagos
suas lembranças corpos flutuantes.

Tu que caíste das alturas
nas montanhas do passado
como poderás subi-las
de novo?

Tempo: porta trancada
tento não consigo abri-la.
Meu encantamento está cansado
meus amuletos, dormentes.

Nasci numa aldeia
pequena, reclusa, como o útero
e ainda não saí dela.
Meu amor vai pelo oceano
não pelas praias.

1994-2003

NOS BRAÇOS DE OUTRO ALFABETO

Trata-se de um poema que ainda permanece recluso, tal qual seu referencial primeiro, a cidade velha de Damasco com seus bairros, portas e mercados, suas casas de banhos, casas de retiro e escolas místicas, com os cenários de suas praças, seus cafés e palácios, e com seus animadores a venderem, a servirem, a contarem histórias, a cidade por fim com seus segredos e antepassados, com seus heróis, mitos e sonhos, seu dia e sua noite achados e perdidos nas mesmas ruas, mesmo céu, mesmas plantas, mesmos rios, mesmo ar. A composição alterna versos genuínos do poeta com citações reelaboradas por ele de conhecimentos assentados na tradição erudita e popular. É talvez o poema mais obscuro ao leitor pouco afeito à cultura dos árabes. Arrola poetas, místicos, filósofos, matérias da química, da botânica, da negromancia, da agricultura, da indústria têxtil: ah, o delicioso parágrafo das cores no Mercado da Hamidie! Escrito em Paris, em janeiro de 1993, e incluído um ano depois como fecho de *Outro alfabeto* — livro por sua vez totalmente composto de poemas em prosa não ritmada —, “Nos braços de outro alfabeto” é o que um “turista acidental” escreveria sem culpa de fazer orientalismo. Mas é sobretudo o poema que todo poeta sírio que se preze gostaria de escrever.

Nos braços de outro alfabeto

Nos braços de um alfabeto que acolhe a terra, Monte
Qasiyun não dorme, eu acordo.
Leio escrevo discurso a recusa: não é prosa, não é poesia mas
— dai-me incensos —
o sol cola nas minhas entranhas, e eu quero a tua
sombra ó noite.

— Tu não aprendes ó apaixonado? Tua casa está tomada de
incensos, o vento sopra rouco na garganta do espaço.
— Me protege, me inventa um talismã para cada caso.
— Te enfeitiço mas quem te cura ó apaixonado?
— Direi à fonte que sopra os desejos que meu corpo é
floresta e combina com seus ventos.

- Saiu do retiro, entrou no exílio.
- Alguns passos para trás sempre o separam da frente:
o que o une é justo o que o separa.
- Não teve infância, a poesia é sua infância.
- É da borra do fígado este vinho, não de uva.
- Damasco só vive se reconstruir o céu.

i — PORTAS

Numa manhã carregada por feridas, certo bairro do
arrabalde escapou da muralha de Damasco, passeou
nos Jardins da Mesquita Zeynab, e disse: Não volto,
meu nome é Bairro do Abandonante (*Qassae*).

Veio,
se hospedou neste bairro, no porão abobadado de um
prédio feito de cimento.
No chão preparou uma cama para os sonhos, evaporados
quase todos entre as casas de banho
cujos nomes leu:

Banho do Almíscar — *Misk* Banho da Rosa — *Ward*
Banho do Adorno — *Zein* Banho da Corrente — *Sálsala*
Banho do Chambelã — *Hájib* Banho do Narguilé — *Joza*

nomes que mais recendem.

— E *Chaddad*? é nome de outro banho?

— É mistura para massagem da banhista, leva
gingibre e canela, óleo e freixo
ovo melado e mirto

e algumas ainda crescem-lhe coisas que funcionam
como portos para as ondas do corpo.

Muitas vezes o porão lhe parecia uma gruta que jorrava

sangue.

E muitas vezes uma caverna que tremia, prestes a cair.

• Será que partir é sempre o certo?

• Será que o mundo fica mais belo se não tiver mais

feiura?

• Será que o sangue funda outra coisa além de

sangue?

• Será que a escrita é também relógio de areia?

• Será que a indiferença é a única flor que o vento

reverencia?

• Será que só os dedos decepados é que sabem como

se juntam as partes da História?

• Será que a fidelidade está nas ideias ou em criá-las?

• Será que o nome aqui é crime?

• Será que a vida aqui é peregrinação até à morte?

• Será que o véu de Damasco é o que revela a cidade

para ele?

Ele pensa: as palavras — que com ele disseram o nome

das árvores, das estrelas, dos amigos — sentam agora

numa abertura que habita sozinha o porão

ou passeiam na calçada ao lado

se aliam ao pó, ou ao vento

questionam o poder do papel, ou se alinham

com a tinta.

Das bordas dessa abertura caem sobre ele palavras

que são difíceis de pronunciar. Lamentando-se, pede

desculpas à natureza:

não a domina o suficiente para pôr agora a cabeça

dele debaixo dos ombros dela.

Veio,
como quem começa uma era. Viu-se ondulando num mar de segredos.

- Vieram mulheres como navios, e era delas o corpo da água.
- “Vieram. Cada qual é um inspetor ganancioso. O sangue escorreu na água” (al-Baladhuri, *A conquista das nações*).
- São três as Iluminações: a da palavra, a da beleza, a da revelação (Ibn-Arabi).

Só entrem no mar se as velas forem mulheres.

- O oásis é uma tenda e o desejo são cordas que firmam as estacas.
- Ao juízo da formiga, o céu é uma formiga.
- Para entender a areia, não é preciso ser uma onda.

Depois do banho e de seu almíscar
teus membros se iluminam, ascendem, estás digno de
parar às portas do mistério.

Diz, então, a teu corpo, conquanto amigo do mistério,
que ignore a Porta do Alívio — *Faraj*.

- Não importa a que tipo de alívio se refiram: não poderás transformar as palavras em coisas.
- Falem sobre o que passou, não sobre o que passará.
Façam todo tipo de guerra, mas que seja guerra de lábio contra lábio: o de cima contra o de baixo.

Veio,
e em sua conversa com os astros, preferia Vênus. Ela o recebia na cama. Mas só começava o diálogo com ele depois que ela apagava todas as velas.

Poupem-se de olhar para ele, ó profecias. Tem o rosto voltado a lugares aonde vocês nunca foram e de onde nunca vieram.

- Ó caravana da tinta, não há para ele no papel nenhuma parada.
- Deixem-no recostar-se nesta palavra: amor.
- Não entende ainda o que significa a pedra, como escreverá sobre asas?
- Quem pensa é o sangue, quem escreve é o corpo.

Sabes

que a História é uma selva que esconde ninhos de
enganos, enquanto deixas a Porta do Alívio e entras
na Porta da Paz (*Salám*)

que também chamam

Porta do Honrado (*Charif*) e Porta da Segurança (*Salama*).

Resistente ao invasor, protegida por árvores que
parecem bastões, espadas e fuzis feitos de acordo com
o invasor e a invasão. Protegida, também, pelas ninfas
Bárada, al-Uqrubáni, al-Daiyáni. “E como diz o próprio
nome ‘Porta da Saudação e do Cumprimento’ (*Taslim /
Tahia*), as pessoas ali acudiam às levar para saudar seu
Califa.” O mesmo arco que cobriu com sombra aquelas
nucas joga sombra agora a outras nucas em outra
saudação. Uma mesma luz brilha no espelho que
revela o rosto de quem entra e de quem sai. E ali,
também, tropas, como de anjos, que o olho não vê.

- Damasco, tuas sementes não estão nas mãos dele,
nem em seus passos, de que lhe servem então os
campos?
- Em cada baú, acordam Waddah al-Yaman e o
chamam para um passeio secreto.

Aqui está Jarir, dedica a vida ao califa na tenda da poesia.

Vejo al-Akhtal oferecer aos amigos, diante de um
cortejo de seguidores, jarras das mais antigas. Ouço
al-Farazdaq hesitar na presença de uma mulher que
não elogia, não satiriza, diz apenas o amor. Bebam das
fontes de Dhu-Rumma — vejam-no: improvisa sobre
tudo o que capta no horizonte. E os sucessores
se escondem: se encolhem num fio de cabelo, numa
moeda, numa espada.

- Meu céu — não cobre minha cabeça, mas os
ombros: saudação ao Mestre Supremo.
- Maravilha esse lugar que Ibn-Taymiyyah chama
“meu jardim”.
- O horizonte testa as vozes dos minaretes enquanto
o paraíso se diverte aos pés do Monte Qasiyun.

Sê dos que partem, para bem receber a revelação na Porta
de Saturno (*Kissan*), ou para descer num cesto, como
São Paulo, dependurado na muralha, saindo rumo à

Grécia e o além-mar. Como ele, não vás até a porta pelo que ela é em si, mas pelo que nela é oculto. Vais abri-la para ver o que nela é coberto. Talvez perguntes: A porta é um corpo? o que é a porta do corpo? onde fica? o que é isso que vais até ele no corpo? um ponto final? caminho sem fim? por que só é habitável se descrito como efêmero? as mais belas coisas que guardas no corpo e que te guardam são as que não vês? Não te esqueças de observar uma porta que está cheia de uma beleza espalhada num mundo cheio de vazio. E não esqueças a argola com que bates a porta para ouvir o sim ou o não. A ti foi dado nadar nos mais belos lagos de luz, ou permanecer na tua sombra amiga. Será a vida uma porta — real e simbólica?

Arcos traços se estiram se curvam espiralam círculos e metades
 círculos quadrados retângulos triângulos pentágonos
 octágonos formas ao sabor do traço

- Nos encontramos: não nos falamos, só com sinais.
- Ruas: rios que roçam as margens com a música da História.
- O jasmim canta com uma voz baixa e perambula
 descalço nos becos.
- Sangue branco no leito da lua.
- Não deixes o cesto de pó na mão do vento.
- O infortúnio chega amassado pela mão de Deus e
 impresso com Seu selo.
- A alegria chega fugida na roupa de uma rosa quase
 murcha.
- Cada estrela tem seu tambor, e a aurora é uma
 flauta quebrada.
- Anjos negros nadam em tanques de prata.
- Ruas: campos de plantas carnívoras.
- O céu acordou e pôs-se a distribuir os jornais da
 manhã.

A realidade te acode te coloca na ponta de suas unhas: as
 pedras dela têm cordas vocais.
 Mal te refugias na realidade, vês que em seu rosto uma
 miragem beija a terra. E em seus dias credores viça a grama da
 História.
 Será que a vida aqui é um correio levado em bolsa de

E onde está aquele moço afeminado luxurioso
 requebrado, que sabe como se juntam uma cama em
 outra e como se exploram os delicados e recônditos
 desejos? E que se alegra, quando acha que está triste.
 E se delicia quando acha que sofre. Escreve ó Damasco
 de novo tua história: numa folha de palmeira, numa
 escápula de camelo. Não é fácil meu caminho em ti, e
 eu ando descalço.

Porta da Cascata — *Chagur*:

O pó é um cavalo indomado, nem tentem domá-lo,
 e os caminhos estão cobertos com o mênstruo dos
 pés.

Porta dos Paraísos — *Faradis*:

Enterrem-no em seu sangue. Esqueçam não
 esqueçam.

Porta do Calabouço — *Jábia*:

Vertigem na cabeça do idioma.

- Como vai-se reconciliar o jasmim de Damasco com
 um corpo em que só brotam anêmonas?
- O que tem este céu?
 Só oferece bálsamo, e só feridas tem no corpo.
- Apoie-se tristes ó sonhos nas janelas dos meus
 cílios.
- Sabes, Qasiyun, ó monte parado andante? deram
 tudo aos outros as estações, e me incumbiram de seus
 passos.

Damasco,

tua sombra reveste meu corpo, tuas portas me
 circundam, teu segredo desceu até mim:
 a alegria só habita a dobra, a prega, o canto.

ii — RETIROS*

A —

Janela: dela chega uma luz límpida, triplicada. E dela se
 espraia um vento carregando formas de cavalos:
 via chafeíta.

B —

Escadas de quadris e tornozelos. Hena e açafão à espera
de uma estrela verde.
Via cadirita.

C —

O sal esqueceu os pés na água. A sombra do mundo é
chumbo imerso em brasa, onde são iguais a argila e a
palavra. A desgraça, se houver, é alegria. O pó se senta
nessa soleira há séculos, e ainda não se levantou.

— Humanos e gênios cruzam?

— É controverso.

— Mas está permitido amarrar o cabelo, as tranças são
lícitas.

— Na derradeira vida a mulher é sempre do último
marido, alguns dizem que é do primeiro.
Via tacauíta-hambalita.

D —

O tempo tem duas mãos moles, a eternidade é uma boca
que não para de bocejar.
Cavalos vêm de toda parte e se juntam à cavalgada. Pés
de rosa carmesim tiram a roupa íntima. O prazer,
ah, é pouco, o desconcerto é muito.
Via maulauíta.

E —

Grinaldas de estrelas pendem do teto. O chão tremula
como asas, os elementos são colmeias de sonhos. A
solidão é a tinta da viagem.
Via naxabandita.

F —

Caminha na coroa das flores, mistura-te com os cálices.
Tuas mãos são violetas, e o pólen sobe por teu corpo.
Neste ponto já sabes que os dias têm uma casca mais
tenra que o coração.
Via rifaíta.

G —

A mão da ermida, ela pega da pluma, desenha o vazio,
que delicadas essas velas que vêm do céu.
Neste ponto o apaixonado pertence à família das labiadas,

como o mirto.
Via bactachita.

- Faz como a rosa e vive em silêncio:
- se falar for inevitável, articula só perfumes.
- Será a escrita um mel seco em colmeia

abandonada?

- A pedra é livro que ensina o perdão.

iii — REVELAÇÕES

Vem do mercado dos copistas esta garganta?
Da queixa da madeira triturada e reanimada sobem estas
palavras? Conheces o mercado dos livros? Visita-o,
para veres os juízos — como se deitam num tapete
de tinta
para aproveitares a palidez dos dias.
Visita-o, comemora a alquimia da transformação:
a cabeça no pé,
e o pé destilando aromas.
Saúdo a quem disse: “O pé, não a cabeça, é o topo da
forma e o limite do corpo”.

É o recanto dos vendedores de âmbar no mercado das
mulheres. Tribos de ervas, clãs de plantas e flores, e nisso
os aromas se multiplicam. No mercado da seda
e no mercado dos joalheiros, verás o desejo em corpo
e alma. Mulheres andam como se estivessem se
revirando em suas camas. Sol molhado com água da
lua. Verás a morte arrastando-se de costas, debilitada.
No mercado das flautas, no mercado das especiarias,
no mercado das frutas, respiras numa estância que
dirias descendida dos paraísos imaginários. E entre
teus cílios misturam-se túnicas, ceroulas e cintos
numa opulência que continua contigo enquanto
andas entre a Biblioteca da Zahiria e a Escola Adilia,
onde Abul-Izz põe uma mesa e em torno dela se
sentam o extremo Oriente e o extremo Ocidente e
brilha a mão obreira:
vidro soprado, meias, almofadinhas, poltronas, cobre
gravado, almofadões, tapetes, narguilé
isto é o mundo e sua família debaixo de um céu que
aprende com a sabedoria do tempo.

- Não longe da cabeça de João Batista, pendem as orelhas de Tamerlão.
- Acontece mesmo de a verdura virar palmeira?
- Não há luz lá, não há sombra dentro.
- Não ignorem que o hábito tem um furo.
- Rende-te à realidade se queres que o possível se renda a ti.
- Talvez o barro de que foges
- escorra na mesma água que bebes.
- Sim, o fogo lembra que era água.
- O espaço aqui é fogo, e os pássaros estanho.
- Matou-os todos, confirmando a máxima que diz:
- “O que comeste com vontade comeste de verdade
- e o que comeste sem vontade na verdade te comeu”.
- Há mais frio e mais neve desde que al-Mutanabbi foi morto.
- Só se endireita este quadrado se passar a triângulo.
- Às vezes é preferível a sinuosidade à retidão.

Soltei as rédeas da investigação, da restrição, da predição
do bom e do mau augúrio
do otimismo e do pessimismo
e disse: sou experiente e sagaz, mas me inclino a olhar
para a direita e para a esquerda, para o dia e para a
noite, e para as coisas do segredo.

iv — VISÕES

A — Praça dos Mártires — *Chuhadá*

Já teve muitos nomes: Praça da Ilha — *Jazira*; entre

Rios — *Bain Nahrain*; do Coral — *Marja*; do Campo Grande — *Maidan Kabir*; do Palácio — *Sarai*. Mas o sangue dos enforcados por Baxa Estripador apagou todos esses nomes e lhe deu este último como nome e testemunha. Na praça, e em torno dela, abraçaram-se gregos, ocidentais e mestiços otomanos.

Palco da transformação, nela a modernidade deu os primeiros passos: o carro, o bonde elétrico. E quando o rio Bárada inundava a praça, as águas dele lembravam o sangue jorrado dos filhos que deram a vida por ela. Inclinando os ouvidos para perto

das entranhas da terra, hoje coberta por asfalto, eles
ouviam a voz dos pais. E onde quer que tu olhes
ali verás uma saudade transbordar de cálices não
humanos.

Uma estrela toma suas pontas de luz e amarra com
elas Damasco: suas ruas, seus becos e bairros. Em
geral ela senta lânguida, como uma mulher que toma
banho ao ar livre. É um teatro. Mas poucos são os
que acompanham a cena sentados. Algumas crianças,
alguns velhinhos.

— De que trata essa peça?
— Obsessões e indagações.
— Pouca comida e rara bebida.
— Fartura: mas em negar.
— Cada ponto no corpo desta praça está a ponto de...

- A vida está nas mãos dos preços e tarifas.
- A sorte será um azar que esqueceu o nome?
- Ergueu uma casa com um só objetivo: prender nela
o vento que o castiga.
- O Bairro do Pé [do Profeta] — *Qadam* — imagina
que é a cabeça do Bairro da Salihia [de Ibn-Arabi].
- A escrita: flores plantadas em campos de vidro.
- Não demores ó chuva, demora ó ceu.
- A rua dorme e no alto da nuca o vigia está
acordado.
- Se queres falar costura os lábios.
- Ó matéria damascena, será a poesia, ela só, tua
alma rebelde?

B — Bairro do Chafariz — *Náufara*

Pendem por sobre seus dois lados, e nas laterais que dão
à Mesquita Qaimaria e à Porta de Jeirun, árvores do
saber que só os alunos da Escola do Mestre Supremo
— al-Ákbar — podem ver. Cada árvore tem um
segredo, e, para sabê-lo, deves sentar no Café
al-Náufara. Nos arredores do café, os antepassados
deixaram marcas de seus passos em fendas e buracos
de onde sai uma poeira que é quase ouro. Contigo, ó
contador de histórias, lemos a noite do passado:

— Com um só golpe de espada, decepou cinquenta
cabeças.

Ai da língua se Ântara for preso. Não sobrá uma
palavra até que ele seja libertado. Al-Zeir Sálím tem o
apoio de seus defensores. Jassás tem o apoio de sua
voz. Alegria e ira se unem como os lados de uma
mesma moeda. Não há inimizades na troca de palavras
entre os combatentes. Há um gesto de mão que é
como os ramos de uma árvore agitada por um vento
apaixonado. Cada qual para atrás de seu cavaleiro,
ou lhe vem com chás e saudações. Respiram e com o
respiro gravam seus nomes na casca da hora.

Tirem os corcéis das jaulas do sonho, soltem-nos. O
café não tem selas para eles. Procurem outras estepes.
O café tem os ouvidos tapados. E na gritaria os lábios
se unem como se fossem de uma só boca. Não,
Ântara não está morto. E Jassás e al-Zeir Sálím ainda
compartilham o chafariz na pracinha do café. O sonho
teima em vencer. Do barro e das paredes pega uns
cílios e se deita embaixo. O café se enche com corpos
de mortos, mas o cheiro que sentes é bom, parece
que exala do plexo da Ghuta, o oásis nos arredores da
cidade.

— Mas o que tem o cavalo de Ântara?, se pergunta
um velho engolido pela roupa, enquanto acompanha
os embates da língua, a escorrerem sangue e a
parecerem-lhe um exército de nuvens.
— É que Abla esqueceu de esfregar as patas dele com o
narciso do deserto.

- A memória tem uma água que não cabe no lago do
presente.
- Sim, a porta e a cadeira, o café e o narguilé, a água
e a brasa não param de escrever poesia.
- Os segredos da noite são as asas do dia.
- A noite veste uma máscara que é toda o rosto do
dia.
- Damasco não dorme — dizem,
e dizem: Se dorme, tem o sono leve como o sonho.
- Nem fruto nem raiz corre entre os dois.
- Só adora a coisa para torná-la escrava.
- Damasco, nossa vida!
Mas que vida é essa que só nos dá morte!

Saudei Iuaz e disse a Karagoz: Permite-me oferecer-te
este tempo nesta rosa seca. O jogo de sombras trepava no chá
dentro das xícaras e sobre os lábios, e a voz do contador se
derramava.

- “Da sombra é que vieram os cavalos.
- Da soberba é que vieram os cavalos.
- Mandaram o vento sul reunir-se. Reuniu-se. E Gabriel,
de um punhado, criou os cavalos.
- Saúdo o cavalo de Ântara. Está entre as criaturas
honradas. Dele se espera só vitória.”

A poeira levantada pelos cascos ondulava como uma
flâmula no teto do café. Naquela noite, Iuaz e Karagoz
preferiram conversar aos cochichos. E a rosa seca
estava acordada: na porta, no telhado, no vento.
Apontaram a paixão entre as flores. E sussurraram
aos presentes: que grudem os ouvidos nos cálices
dos jasmims e das rosas, que ouçam os brotos
respirar enquanto se despem. Então as árvores que
circundavam o café viraram uma única árvore: o
perfume da noite. As pedras se cobriram de perfume.
E nenhuma flor deixou de abrir tocada pelo orvalho
do amor. Os becos pareciam colos dos quais pendiam
jasmims aos cachos. O espaço inteiro virou uma
garganta: apupando, celebrando os amantes.

- O efêmero é o que de mais belo possui o eterno.
- Aqui a alma só leva à matéria.
- Bem/bens: luta sem fim por conta do “s”.
- Só beija os próprios lábios: será por isso que beija
todas as mãos?
- Deixa-me entender: como cortas o rabo do diabo
com a asa do anjo?
- A lua entre os seios é um eterno crescente.
- Ele se olha no espelho, não para ver a vida mas
para ver a morte.
- Pé branco sobre os ombros do Monte Qasiyun: é a
lua.
- Rostos: borboletas sem asas.
- A esperança aqui é casamento contraído com o
vento.
- Sua tristeza não aceita que ele se lave com a água
dos olhos.

- Mesa de escrever: tem mais borracha que livro
escrito.
- A lua precisa de cães que encham as ruas com
latidos.
- *Dimachq*, “Damasco”, é palavra formada a partir de
duas: *dam*, “sangue”, e *chiq*, “vertente”.

C — Palácio Azem

Júpiter, que esparziu seu perfume entre os arcos das
colunas, talvez agora faça descer do céu um punhado
de mirto esmigalhado em cima dos mortos que aqui
deixaram seus corpos para serem fundidos em ouropéis
e esculturas. Talvez o Palácio Verde — *Qasr al-Khadrá*
— tenha se transformado num nicho, e Muáwiya em
prisioneiro num asilo de velhos. A Casa do Ouro talvez
tenha virado uma casa de banho, e eu quase escuto
o Amir Tânkiz ordenando a morte do que restou dos
pássaros que formam a linha do horizonte entre as
asas. Ainda estão lá os fios ocultos da ronda, entre a
ala masculina Salamlak e a ala feminina Haramlak,
onde a mulher ganha o homem no gemido e o homem
se achega nela numa corola de rosa estendida num
tapete feito de alma.

D — Mercado da Hamidie, Mercado Midhat Baxa

Não sobrou madeira suficiente para o fogo preparar suas
bodas. Soluça nos mantos a história, espalhada sobre
tapetes como grãos de pimenta que nem Imru al-Qays
viu igual. E em ondas, que vêm dos brocados *aghbani*,
nadam os descendentes de Adão como nadam os
barcos que se esquecem das margens.

Encanta isto de perder a vista na onda das cores,
primárias e secundárias. Depois do preto e do branco,
e do verde, do vermelho e do amarelo, entras no
horizonte do vinho, do azul, do laranja. E rápido te
pegam tons de alourado, em migração do vermelho
ao caramelo e açafrão, com escalas no branco e no
branquiço, e no sangue vivo e no ouro pardo e no
pardusco. Depois te puxa o negro-pretume, que vai
do preto ao preto-cinza e do cinza ao preto-chumbo,
do negro noite de breu ao negro noite cerrada e
deste ao negro noite de lua. E o verde te leva a um
verde-jade, a um verde-crê, a um verde-musgo, a um

verde-cinza, e ao grisê, ao fumê, ao quase cinza. Mas te trai a cor do cinza, que é o branco saído ao oxidado, saltando do calcário ao desmaiado, e deste ao chumbo e agrisalhado. O amarelo te joga no canário e te eleva ao citrino e ao âmbar mais cerrados, ao intenso de mostarda, ao mais aberto da lentilha mais clara. E extravias os olhos nas cores ensabladas — do largo listrado, do branco e preto cruzados, do aleopardado e atigrado, do sardo e sarapintado, do salpicado, abigarrado e pingalhado.

Mas dentre as coisas que mais te tocam nessa onda de cores está o vermelho rubi, composto — e isso o sabe quem o criou — de elementos do sol, do vento e de certa sombra que desce do céu. E não perguntes sobre as propriedades da cor da esmeralda: “Leva honra a quem a tem na mão, tira a dor de ventre de quem a leva ao pescoço. Nove medidas de esmeralda contra uma de veneno tomado, e nada poderá o veneno contra o envenenado. As portadoras de veneno evitam quem quer que porte um anel de esmeralda. E se dele aproximam olhos de víbora, derretem-se os olhos da facínora”.

E — Mercado das Especiarias — *Abazir*

Sentados entre os temperos e aromas, professores ensinam a química das delícias. Tua certeza aumenta: o corpo é quem mais guarda a eternidade. Fico feliz quando dizem: Enlouqueceu esse que disse. Ou quando dizem: Entrou na cova do sentido, onde o céu desceu e ateou fogo na escada da subida. Depois de visitar esse mercado já não poderás dizer como os outros:

Que estranhos esses cemitérios de Damasco,
florescem mais que os campos.

- Basta que destiles o deserto na boca das palavras.
O sentido não está atrás de Damasco, nem na frente,
nem à direita ou à esquerda: o sentido
está entre os pés da cidade.
Palavras são eterna primavera, trabalho é eterno outono.
- Seu próximo livro: “Como amei um gênio que fiz

virar muçulmano”.

- Em ninguém combina tanto ser poeta como em
Walid Ibn-Yazid.
- É possível que a poeira em Damasco seja uma casa
do sol.
- Pensamentos são aquecidos na brasa da riqueza.
- O tempo cego se apoia num cajado cheio de olhos.
- A prece aqui é o caminho mais curto para ir direto
ao céu.
- O encanto e o conhecimento aqui são dois
preparados colocados num só frasco, numa só
prateleira.
- É impossível descrever o desejo das palavras nas
paredes de Damasco.
- O círculo aqui é o profeta da linha reta, e o
triângulo é a revelação.
- Aqui a cabeça desce e o ventre se eleva.
- Suas palavras não têm pé, seus pensamentos não
têm cabeça.

E não têm mesmo: o que ele diz nem leva ao festim,
nem traz o butim.

- Ele amassa a mostarda com vinagre e cinzas de
bolota de carvalho e mistura tudo com amêndoa e
uva-passa, mas: de onde é que lhe vem a água?
- Como queres criar se não apagas?

Damasco —

diz: Ó Cham, ó Gilliq, ó Virgem, ó Jeirun, diz: Ó Fonte
do Oriente, ó Íram, ó Cidade da Coluna, ó Porta da
Caaba. Diz, e entrega teu corpo a ela.

Entregou seu corpo a ela —

na Rua do Chocalho — *Khalkhal* — prestou atenção
numa cabeça que falava sobre casas de retiro
masculino, enquanto seu corpo andava em outros
lugares, nos retiros femininos: das abandonadas,
das divorciadas, das sufis, onde os ossos delas, nas
tramas de linho, deixam-se secar pelos dias.

E entre a Porta do Calabouço e a Grande Porta de Deus

— *Bauábat Allah* — cativou-o por um bom tempo uma
casa de retiro que continha a casa de Judá. Imaginou
a casa e considerou perguntar às pedras ou a qualquer
coisa ali: É nesta casa que São Paulo se refugiou?

E de dentro do dicionário de segredos algumas palavras
começaram a sair, a se transformar em arcos-íris,
em árvores e lagos. E algumas delas começaram a se
transformar em criaturas do mais profundo segredo.

Ele colocou a mão na mão da estrela Vênus para saber
como sair secretamente dos Jardins da Mesquita
Zeynab e entrar no vizinho bairro Bab Tuma — Porta
de Tomé. Olhou para aquela Porta que dá nome ao
bairro e o que viu, ou acreditou ver, foi lábios que
se dependuravam no espaço, trocando beijos, e
criaturas sem os rostos e pés que geralmente os
animais da língua têm. E assim o dispersavam pelos
picos das montanhas e pelo colos dos vales. Não se
lembrou... de Omar Ibn-al-As que se hospedou em Bab
Tuma. Nem ficou surpreso... com tal esquecimento.

V — TALISMÃS

(Por Ghuta, o oásis. E uma saudação a Abd-al-Ghani Nabulsi)



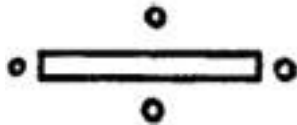
“Procura uma jovem virgem que está no ponto de casar.
Despe-a, penteia-lhe o cabelo
dá-lhe um galo e diz a ela: ande com ele em volta da

plantação.

Livra a plantação das pragas
e mata a cizânia na hora.”



“Pega cascos de bode, chifre de cervo, raízes de açucena,
tritura tudo com avelãs
e com isso incensa a casa.
Afasta cobras e insetos.”



“Pega o coração de uma coruja grande
e aperta-o com couro de lobo
pendura-o no teu antebraço.
Te protege de ladrões e insetos rastejantes
e as pessoas te respeitam.”



“Com o cobre fabrica uma estatueta de gafanhoto
oca por dentro.
Coloca nela um gafanhoto, tampona-a com cera
e enterra.
Os gafanhotos se dissipam, não fica um gafanhoto vivo

naquele lugar.”



“Pega um pouco de cominho-preto,
um pouco de bálsamo
e um pouco de cascas de gengibre.
Mistura tudo e coloca a mistura na comida.
Resolve, em quem come, a espiritualidade do amor.”

(Navegar na ciência da agricultura)

vi — DIVAGAÇÕES

O que faz uma parede o que faz uma fumaça entre os
seios, o que faz um policial o que faz uma prisão entre
o olho e o fígado, será que o horizonte aqui é coluna
de sal? Ah este vento que enche o espaço de rugas.

O que fazer com este discurso que se tira apoiado numa
argila que lembra Adão? O que fazer com essas cidades
que só despontam no abismo? O que fazer com essas
ruas que são só torrentes de lágrimas? É bom dares

um lenço para a pomba enxugar os olhos.

Um caranguejo devora o corpo da realidade, no vento há
uma folha não de árvore mas de gente. A cinza não
está no vento mas no pulmão, e a lama não está na
natureza mas no caráter.

- Em seu encontro com os outros sempre se desculpa,
dizendo baixinho:
Tenho em casa, de visita, uma mulher-gênio.
- Os dedos são as flores do corpo.
- Eles creem nos astros, aprendem pelo olfato.
- Os corpos aprendem a ajoelhar antes de aprender a
andar.
- Sua primeira máxima: as pessoas são galinhas que
estudam com as raposas.
- Em cima de sua cama está escrito:
- “Deus é amigo dos pobres nos sonhos
e amigo dos ricos na realidade”.
- “A porção do pobre é uma pedrinha que ele chupa
até a morte.”
- Disse isso um homem antigo que continua vivo.
- Descreve as pessoas:
- “Língua fecunda, coração árido”,
e descreve a si:
- “Olho inteiro, corpo derretido”.
- Dizia: “O homem não é um corpo, mas um número.
Algo dele passa com cada dia que passa”.
- Ele luta, mas como quem quer transformar a pedra
em ovelha.

Preciso desmontar, pedaço por pedaço, o corpo da noite
para poder escrever um só passo de Damasco.
Assim, para desnudar seu dia, visto sua noite, e o que
escrevo é ditado pelo vazio.
E se for certo o que a cidade diz — que a escrita tem
demônios — então seus horrores são esses demônios.
Será que o tempo se armará com ela para enfrentá-la?

Para ela,
para esse altar em que viveu Artemisa,
dedico estas manchas de tinta:

Quando ela se conformará com Astarte?

(Paris, inícios de janeiro de 1993)

* Casas de retiro espiritual. Aludem-se a seguir algumas das vias espirituais do sunismo e do xiismo. (N. T.)

GUIA PARA VIAJAR PELAS FLORESTAS DO SENTIDO

Livro desdobrado em torno das ações de um dos motores principais da natureza, *Índice das ações do vento*, de 1988, é de certo modo um programa dirigido para o estudo da poesia. O poema escolhido é esta coleção de chistes, enigmas de metáforas que em parte já se fazem explicar na pergunta “O que é?” que encabeça as 87 unidades do poema.

Guia para viajar pelas florestas do sentido

O que é o caminho?

anúncio de partida
escrito em folhas que o pó desenhou.

O que é a árvore?

lagoa verde cujas ondas são o vento.

O que é o vento?

alma que não quer
habitar o corpo.

O que é o espelho?

segundo rosto
terceiro olho.

O que é o imaculado?

máscara
para celebrar o maculado.

O que é a morte?

carro que leva
do útero da mulher
ao útero da terra.

O que é o arco-íris?

corpo de nuvem e
corpo de sol
abraçados arqueados

sobre o corpo da terra.

O que é a onda?
imagens em movimento
na tela do mar.

O que é a praia?
travesseiro para descanso da onda.

O que é a estrela?
livro cuja beleza maior é a capa.

O que é a velhice?
planta que cresce em duas direções:
a aurora da infância
a noite da morte.

O que é o negrume?
útero grávido de sol.

O que é a chama?
flecha atirada com um só objetivo:
quebrar e morrer.

O que é o ocaso?
suor que se forma do corpo do sol.

O que é o poema?

criança
que vive
em
mamar
contínuo.

O que é o sonho?
elevant o real
ao nível da fantasia.

O que é a felicidade?
lápide de tumba
num cemitério na margem da língua.

O que é a esperança?
descrição da morte
na língua da vida.

O que é o pó?
futuro do corpo.

O que é o anoitecer?
discurso de despedida.

O que é a lágrima
guerra perdida pelo corpo.

O que é o desespero?
descrição da vida na língua da morte.

O que é o eco?
corpo abatido pela viagem
desaparece
desapareceu.

O que é a poeira?
o mesmo que o vento, e seu maior rival.

O que é o leito?
noite
dentro da noite.

O que é a natureza?
língua do olhar
para escrever a visão.

O que é o horizonte?
espaço que se move sem parar.

O que é a coincidência?
fruto na árvore do vento
caindo entre as mãos
sem se saber.

O que é a rosa?
cabeça cultivada para corte.

O que é a verdade?

desenhar as porções da água
ou a face da luz.

O que é o invisível?
casa que gostamos de ver
e detestamos
morar nela.

O que é o céu?
escada — mal se sobe nela
se quebra.

O que é a noite?
véu que o sol coloca
sobre o rosto.

O que é a beleza?
forma, quando vista vê-se o segredo
e às vezes Deus.

O que é o não sentido?
doença
que mais se propaga.

O que é a existência?
o que requer sempre
revisão.

O que é a realidade?
sedimentos

no mar da língua.

O que é a pobreza?
tumba ambulante sobre a terra.

O que é a sinceridade?
segundo sol.

O que é a suposição?
mão que apalpa o corpo da escuridão.

O que é a noite?
papeleiro que vende os livros das estrelas.

O que é a oração?
nuvem celestial
evaporada da água das palavras.

O que é a lágrima?
o espelho mais límpido.

O que é a lua?
servo fiel
do sol.

O que é o absoluto?
mênstruo na cabeça.

O que é a nudez?
abertura do corpo.

O que é o rastro?
pé que parou de andar.

O que é a memória?
casa habitada só
por coisas ausentes.

O que é a poesia?
navios que navegam, sem portos.

O que é o fracasso?
musgo boiando no lago da vida.

O que é viver?
caminhar sem pausa
rumo ao anoitecer.

O que é a desordem?
outra ordem da noite do corpo.

O que é a fantasia?
perfume da realidade.

O que é a história?
cego a tocar tambor.

O que é a chuva?
último viajante
a descer do trem das nuvens.

O que é o rosto?
porto mais próximo para migração da lágrima.

O que é o dia?
jaula mais larga dos raios de sol.

O que é o deserto?
adivinho
que não para
de
ler a areia.

O que é a areia?
leitora eterna de uma só estória:
o vento.

O que é o segredo?
porta fechada
quando aberta se quebra.

O que é o grito?
ferrugem na voz.

O que é a poeira?
respiro erguendo-se do pulmão
da terra.

O que são os dedos?
primeiras margens dos oceanos do corpo.

O que é a asa?
murmúrio na orelha do espaço.

O que é a jaula?
oco cheio.

O que é a melancolia?
anoitecer
no espaço do corpo.

O que é a sorte?
dado
na mão do tempo.

O que é o sonho?
faminto que não para
de bater à porta da realidade.

O que é a tristeza?
palavra descartada por engano
pelo dicionário da alegria.

O que é a surpresa?
pássaro
que escapou da gaiola da realidade.

O que é a pátria?
corpo estirado
nos divãs da língua.

O que é a língua?
trem
que ao mesmo tempo
é caminho, viagem, chegada.

O que é o rio?
leito que a terra prepara
entre seus seios
ou debaixo do umbigo.

O que é o jardim?
poetisa
que escreve poemas dormindo
e os lê em silêncio.

O que é o centro?
margem para todas as margens.

O que é o tempo?
veste que usamos
sem poder tirar.

O que é a certeza?
determinação
sem precisar do conhecimento.

O que é a linha reta?
soma de linhas tortas
invisíveis.

O que é a miragem?
sol
vestido de areia
imitando a água.

O que é a água?
inferno do fogo.

O que é o umbigo?
meio caminho
entre
dois paraísos.

O que é o beijo?
colheita visível
de fruto invisível.

O que é a insônia?
dobras e rugas
na seda das artérias.

O que é a metáfora?
asas aliviando
no peito das palavras.

O que é a criação?
selo na mão da coincidência.

O que é o abraço?
terceiro de dois.

O que é o sentido?
início do não sentido
e seu fim.

BREVE ABECEDÁRIO DA MULHER

Embora enumere os poemas com letras do alfabeto árabe, que tem 28 letras, “Breve abecedário de mulher”, que abre *Princípio do corpo fim do mar*, de 2003, contempla 26 instâncias de referência ao feminino, o mesmo tanto de letras do alfabeto latino. O poema, no entanto, sonda o íntimo da mulher árabe, que Adonis explorará mais a fundo quiçá no seu livro de 2007, não contemplado aqui, *História que se rasga num corpo de mulher* — poema dramático que expõe no jogo de vozes dramáticas os temores mais íntimos da mítica Hagar, cuja sorte a jogou ao deserto acompanhada do filho Ismael e da lembrança, quase corpórea, do marido ausente. Naquele livro a visita ao feminino, iniciada no movimento verbal do masculino, não deixa de ser uma revisitação aos mistérios do masculino. Mas no livro de 2003 as três séries “Música” procuram definir o feminino, ou sua matéria corporal, na frequentação direta do corpo masculino. Os poemas escolhidos de “Música I”, que fecham, mais adiante, esta seleção e tradução de poemas de Adonis, dão mostras disso.

Breve abecedário da mulher

A

Ela
começou a vida como um fogo único
e sem igual serão suas cinzas.

B

Seu amor, forma passada,
só dialoga com o futuro.

C

A luz tremeu nas paredes de sua casa
quando me atingiu em cheio:
sim,
não é o espírito que lembra
mas o corpo.

D

Amor
peito aberto
mas o peito tem uma voz
que lembra língua extinta.

E

Amor,
escravidão servida livre
em cântaros eternos.

F

A aurora enfeita seu corpo
seu corpo enfeita a noite.

G

Seu perfume são acentos
no livro de seu corpo.

H

Quantos cadáveres seus sonhos velaram
e continuam velando.

I

Bom, será como você quer:
subirei os cumes de sua fantasia
e provarei das alturas da realidade.

J

Não são seus braços
ou seus passos
é seu corpo que conquista o horizonte.

K

Amor,
astro que mendiga
ao espaço.

L

Da cama de seu amor
sai o mundo que ela odeia.

M

Inveja o ocaso
— por ser o travesseiro do sol?

N

Gosta de dançar enquanto canta:
teu pé ó mundo é sal
a pista é espuma.

O

O amor só sabe
amar
imerso
no oceano de seu corpo
no lago de suas lágrimas.

P

Seu corpo não para
de mudar e ampliar seus limites.

Q

“Saia dos livros”,
ela disse à amiga
e pôs-se a elogiar a tinta, a pena, a escrita.

R

Ela —
seu corpo é questão de astronomia
não de biologia.

S

Uma vez, ele olhou para ela e para o espelho dela
e se perguntou: em que diferem?

T

Se recusa a receber o homem
que ela ama na Terra
salvo se ele chegar pela porta do céu.

U

Se perguntava enquanto de amor falava:
como medir o nada
que diz todas as coisas?

V

Nasceu numa curva
que iguala razão, coração
e imaginação
e se orgulha de ser a perdida.

W

Só tem certeza
no dado do amor.

X

Leila, que foi amada por Louco,
deu seu nome a Lêil, a noite.

Onde está a luz que poderá apagá-la?

Y

Sua cabeça são chuvas e tempestades
mas seu corpo mares de sede.

Z

Aos seus pés, mulher, senta-se a décima terceira torre
dos astros invisíveis do seu corpo,
senta-se ungida com o óleo do desejo
envolta pelo manto do amor.

Quando você vai entender o horizonte que criei como
imagem do seu sentido?

MÚSICA I
[SELEÇÃO]

1.

Manhã

como tinta a manhã
saindo do sangue da noite
traça o rosto do espaço
escreve o estado de seus amantes.

Nela me funde
a química da ferida.

2.

Acordei perguntando à aurora sobre você:
Já acordou?

Vi seu rosto desenhado em cada galho
em volta da casa.

Tirei dos ombros a aurora: Será que ela veio
ou é o sonho que me confunde? Perguntei

ao orvalho nos galhos
e ao sol: Ela leu

teu passo,
astro?

Que parte da porta você tocou?
como foram parar ao seu lado
as rosas e as árvores da casa?

Estou a ponto de dividir os meus dias, a ponto de dividir-me:
de um lado o sangue, de outro o corpo —

folhas num mundo seco
arrastadas pela fagulha.

3.

A mão da noite

 não bateu à nossa porta

 não abriu nossa porta

nos esqueceu, acendeu

 uma luz dentro de nós

 e a luz fez tremer seus faróis,

nos inundou nos devastou nos marcou as entranhas

 tudo o que a luz não via

 e as palavras não diziam.

4.

Celebro e agora você celebra
aqui na cama a água
 que cai dos nossos corpos.

Haverá celebração ó deus
 curtido
 nas veias dos amantes

mais bela, mais excelsa?

5.

Talvez
só haja na terra amor
como este que imaginamos
ter um dia.

Não pare, amor
continue a dança, poesia
ainda que na morte.

Obras de Adonis

A lista não inclui as traduções dessas obras a outros idiomas. As obras em árabe são indicadas pela tradução ao português dos respectivos títulos, cidade, editora, primeira edição e, entre parênteses, a edição mais recente.

1. POESIA

Primeiros poemas. Beirute: Revista Chiir, 1957 (Adab, 1988).
Folhas ao vento. Beirute: Revista Chiir, 1958 (Adab, 1988).
Cantos de Mūhyar, o Damasceno. Beirute: Revista Chiir, 1961 (Adab, 1988).
Livro das transformações e da fuga pelas regiões do dia e da noite. Beirute: Asria, 1965 (Adab, 1988).
O teatro e os espelhos. Beirute: Adab, 1968 (1988).
Tempo entre a cinza e rosa. Beirute: Auda, 1971.
Este é meu nome. Beirute: Adab, 1980 (1988).
Singular em forma de plural. Beirute: Auda, 1977 (Adab, 1988).
Livro dos cinco poemas, seguido de Correspondências e princípios. Beirute: Auda, 1979/1980.
Livro do cerco. Beirute: Adab, 1985.
Desejo que avança pela cartografia da matéria. Casablanca: Tubqal, 1989.
Celebração do claro-escuro. Beirute: Adab, 1988.
Outro alfabeto. Casablanca: Tubqal, 1994 (Damasco: Bidaiât, 2008).
O livro I. Beirute: Saqi, 1995.
O livro II. Beirute: Saqi, 1998.
O livro III. Beirute: Saqi, 2002.
Índice das ações do vento. Beirute: Nahar, 1998.
Princípio do corpo fim do mar. Beirute: Saqi, 2003 (2010).
Profetize ó cego. Beirute: Saqi, 2003 (2010).
História que se rasga num corpo de mulher. Beirute: Saqi, 2007 (2008).
Fique calmo, Hamlet respira a loucura de Ofélia. Beirute: Saqi, 2008.
Copista que vende livros das estrelas. Beirute: Saqi, 2008.

2. OBRAS POÉTICAS COMPLETAS

Antologia poética (diwan) de Adonis. Beirute: Auda, 1971 (1979).
Obras poéticas completas, 3 vol. Beirute: Auda, 1985 (Damasco: Mada, 1996).

3. ENSAIOS

Introdução à poesia árabe. Beirute: Auda, 1971 (Saqi, 2009).
O tempo da poesia. Beirute: Auda, 1972 (Saqi, 2005).
O estático e o mutante: Sobre a inovação e a continuidade entre os árabes. 1. As origens; 2. Etimologia das origens; 3. Choque da modernidade e poder do legado religioso; 4. Choque da modernidade e poder do legado poético. Tese de doutorado pela Universidade de Saint Joseph, em Beirute, 1973. A edição mais recente é de Beirute, Saqi, 2001.
Prefácio para os finais do século. Beirute: Auda, 1980.
A política da poesia. Beirute: Adab, 1985.
Discurso dos começos. Beirute: Adab, 1990.
O sufismo e o surrealismo. Beirute: Saqi, 1992.
O texto corânico e os horizontes da escrita. Beirute: Adab, 1993.
O método e o discurso. Beirute: Adab, 1993.

Aí está você, tempo: Percurso poético e cultural. Beirute: Adab, 1993.

A música da baleia azul. Beirute: Adab, 2002.

O Mar Negro. Beirute, 2005.

Cabeça da língua, corpo do deserto. Beirute: Saqi, 2008.

Conferências de Alexandria. Damasco: Takuin, 2008.

4. SELEÇÕES

Seleções da poesia de Yusuf al-Khal. Beirute: Revista Chiir, 1962.

Antologia da poesia árabe, 3 vol. Beirute: Asria, 1964 (4 vol. Saqi, 2010).

Seleções da poesia de al-Sayyab. Beirute: Adab, 1967.

Com Khalida Said: *Seleções da poesia de: Chauqi; Rusafi; al-Kauákabi; Muhammad Abdo; Muhammad Rachid Rada; al-Zahrawi; e I. Muhammad b. Abdalwahab.* Beirute: Lilmalayin, 1982-3.

5. TRADUÇÕES

A história de Vasco, Senhor Boulblé, Os emigrados de Brisbane, As violetas, A viagem, Sarau de provérbios, de Georges Schehadé. Kueit: Ministério da Informação, 1972-5 (Beirute: Nahar, s/d).

Minaretes, de Saint-John Perse. Damasco: Ministério da Cultura, 1976 (Mada, s/d).

O exílio e outros poemas, de Saint-John Perse. Damasco: Ministério da Cultura, 1978.

Fedra, A tebaida ou Os irmãos inimigos, de Racine. Beirute: Ministério da Informação, 1979.

Obras completas, de Ives Bonnefoy. Damasco: Ministério da Cultura, 1986.

Metamorfoses, de Ovídio. Abu Dhabi: Junta Cultural, 2002.

Copyright © Adonis for the Arabic text

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Victor Burton

Foto de capa

John Foley/ Opale

Revisão técnica da tradução

Safa Jubran

Preparação

Jacob Lebensztayn

Revisão

Renata Del Nero

Huendel Viana

ISBN 978-85-8086-323-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br